

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
Projeto A erradicação da poliomielite – uma história comparada:
Brasil e Peru
Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite**

ROSA MARIA WELLES CARDOSO
(Depoimento)

A Citação deve ser textual com indicação de fonte:

Cardoso, Rosa Maria Welles. Depoimento. *Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Pesquisa/Departamento de Arquivo e Documentação, 2005.

Fundação Oswaldo Cruz

Casa de Oswaldo Cruz

Projeto: A erradicação da poliomielite – uma história comparada: Brasil e Peru.

Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite

Entrevistado: Rosa Maria Welles Cardoso (RC)

Entrevistadores: Dilene Raimundo Nascimento (DN), Eduardo Maranhão (EM), Marcos Cueto (MC) e Deepak Sobti (DS)

Transcritor: ?

Conferência de fidelidade: Evelyn Morgan Monteiro

Data: 23 de junho de 2005

Local: Rio de Janeiro / RJ

Fita 1/3

Legenda:

- *Itálico*: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;
- []: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

FITA 1

LADO A

DN: Vamos dar início à entrevista com Rosa Maria Welles Cardoso, que trabalhou, quer dizer, na verdade gerenciou, executou, liderou, coordenou a erradicação da pólio no Peru. Hoje são 23 de junho de 2005. Nós estamos no Rio de Janeiro e estamos aqui para a entrevista Eduardo Maranhão, Deepak Sobti, Marcos Cueto, Dilene Raimundo do Nascimento e Rosa.

MC: Rosa Maria, não sei se queres começar dizendo qual é o seu cargo atual e qual era o seu cargo quando estavas no Peru.

RC: Bom, (**risos**) meu cargo no Peru, eu era consultora do programa de imunizações, epidemióloga da Organização Pan-americana de Saúde. E agora o meu cargo é de jubilada, (**risos**) porque já estou jubilada desde primeiro de maio.

EM: Aposentada.

RC: Aposentada. Sim.

MC: Como foi que chegaste ao Peru.

RC: Bom, concursei. Havia um concurso para a OPS. Era uma vaga somente e era para todo o mundo... E eu estava, eu não queria, eu não quero, porque eu recém havia me tornado viúva e não queria, ainda estava... E meus colegas do Rio Grande do Sul, Marlon, principalmente Marlon insistia muito: “Vá! Tens que ir”.

DN: Marlon Olívio?

RC: Marlon Olívio. “Tens que ir”. E Becker também, o Roberto Becker: “Tens que ir...” Então me inscrevi.

MC : Em que ano?

RC: Em 1984. E aí me inscrevi e estávamos em uma escola de saúde pública do Rio Grande do Sul com Airton Fishmann que era diretor da escola nessa época e estávamos em um concurso com todo o pessoal do interior e era véspera de Natal. E aí me chama o Ciro [de Quadros] e me diz... “Tu vais vir... Venha urgente a Washington porque tens que ver a parte técnica porque agora... Pelo currículo tu já passaste, mas tens que vir agora...” E assim foi.

MC: No Rio Grande do Sul eras professora?

RC: Não, não, não. Aí eu trabalhava na divisão de epidemiologia da secretaria de saúde do Rio Grande do Sul e era também do SESP.

DN: Fundação SESP.

RC: Fundação SESP.

EM: Fundação de Serviços Especiais [de Saúde Pública].

RC: Quantos anos! Porque faz muitos anos, não é? **(risos)** E, além disso, já não tem mais a Fundação também, então a minha cabeça... **(risos)**

MC: E como foi esse curso em Washington, esse curso preparatório antes de ir ao Peru.

RC: Não, não foi um curso preparatório, foi uma prova.

MC: Uma prova.

RC: Uma prova e com Ciro, com toda a equipe, não era a equipe do Ciro que era pequena nessa época, que estava só o Ciro, o Peter Carrasco e Fernando Leander.

EM: Era o Exército de Branca Leone de Ciro, como Ciro chamava: “meu exército”.

RC: Exatamente.

EM: De Branca Leone.

RC: E aí apareceu... **(risos)** Exercito de Ciro.

MC: Por que Branca Leone?

EM: Não, porque ele é... **(risos)** Uma película exército de branca Leone que é uma coisa da...

RC: Da guerra.

EM: Da idade média e que acha que são todos enfermos, todos cansados, todos pobres, todos... Pelo que vão pelear e conseguem as coisas...

DN: Vão conquistando. O Rosa você fez medicina no Rio Grande do Sul?

RC: Não.

DN: Você estudou o que, qual a sua graduação, a sua formação?

RC: Eu me formei em enfermagem e em bioquímica.

EM: Biofísica. Biofísica?

RC: Bioquímica.

EM: Bioquímica.

DN: E aí o que te levou para a área de epidemiologia?

RC: E daí foi que eu comecei a trabalhar, primeiro no hospital e depois eu comecei a trabalhar na secretaria da saúde no instituto IPB que no Rio Grande do Sul era a Fiocruz daqui. **(risos)**

EM: O que tem haver IPB?

RC: Instituto de Pesquisas Biológicas que era da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul e daí depois eles me levaram, e estava justo com a parte de raiva, não é? Parte de raiva lá e depois eu fui para epidemiologia doutor Tigre...

EM: Clovis Tigre.

RC: Clovis Tigre era o diretor da epidemiologia nossa e aí ele: “Vem para cá”. E aí eu fui para a divisão e fiquei muitos anos lá na divisão com eles, trabalhando.

DN: A Divisão aonde?

RC: Do Rio Grande do Sul, da secretaria de saúde do Rio Grande do Sul. Fui para a Divisão e aí fiz o curso de saúde pública, todas as coisas que tinham que ser feitas e aí fiquei.

EM: Essa divisão é a divisão de epidemiologia, que chamava?

RC: Divisão de epidemiologia.

DN: E na secretaria de saúde do estado?

RC: Na secretaria de saúde do Rio Grande do Sul.

MC: E como foi a chegada?

RC: Ah, foi lindo! Bom, eu fui a Washington e de lá fui ao Peru sozinha. Chego, que lindo! Realmente para mim foi, cheguei só no Peru, mas cheguei só, chego e encontro amigos que já haviam trabalhado aqui no Brasil, consultores da OPS, que haviam trabalhado aqui no Brasil, e eu já os conhecia, justo quem estavam me esperando no aeroporto, justo, era uma consultora. E... Bom, eu fui ao hotel e comecei em dois de maio a equipe da OPS no hotel e comecei a trabalhar. Chego...

DN: Que ano foi isso, Rosa?

RC: Em 1985. Janeiro de 85. Foi janeiro de 85. Chego, vou a OPS, chego aí me apresento, essas coisas e aí me conheci toda a OPS, a gente, e tudo, e no outro dia, eu fui ao hotel, venho para OPS. Eu vou de calças, chegou e o representante diz assim: “Você vai ao hotel se trocar, porque temos que ir agora ao ministério, tenho que te apresentar para o ministro e toda a equipe já está lá, e tens que ir voando, vás ao hotel e te troca! Porque eu estava de calças e não podia ir ao ministro. Então fui, me vesti bem, a OPS e ao ministério. E aí chego ao salão verde, e agora está bem mudado, grande, e estão todos os diretores reunidos numa mesa com o ministro, primeiro passamos na sala do ministro depois que fomos lá. E justo estava tendo uma epidemia de meningite.

EM: Quem era o ministro?

DN: Epidemia de?

EM: Meningite.

RC: Meningite. Naquela época.

EM: Quem era o ministro na época?

MC: o Uriel Garcia?

RC: Uriel Garcia. Sim, sim...

EM: Governo...?

MC: De la Une?

RC: D’la Une, era do D’la Une. E, bom, estamos aí, e todos os diretores do hospital também, porque não tínhamos, o que se tinha era só os periódicos, não tínhamos dados nenhum. E aí assim se começou a trabalhar. E desde a OPS, pedi ajuda a Washington e aí pediram ao CDC e me mandaram recursos. E trabalhamos de meningite pelo CDC e aí trabalhamos com meningite nesse momento, **(risos)** Fomos trabalhar, fomos para dentro do hospital e tal essas coisas.

DN: Quando foi isso?

RC: Isso foi na parte quando cheguei, mas depois na maneira como peruanos me receberam, porque depois fui ao Brasil e busquei meus filhos e vim com meus filhos, aí o pessoal da OPS, os peruanos que trabalham na OPS, tu não pode imaginar como foram, saiam comigo para ver os colégios para meus filhos, que eram pequenos. Minha filha maior tinha 15 anos e meu bebê tinha cinco, essas coisas, não é? Bom, e Elisa também era uma juvenzinha. E aí começamos a buscar colégio para eles, casa donde viver, essas coisas. E aí conseguimos uma linda casa.

EM: Ótima.

RC: Em San Izidro. Em Los Mansanos (**risos**) E os meus filhos chegaram, foram para o colégio e tudo foi muito, muito bom, e tenho muito, muito, muito carinho. Eles sempre dizem: “Tu és uma peruana mais”, e eu creio que sim, sou uma peruana mais, porque gosto muito do Peru.

MC: E como passaste ao programa de imunização como que passou tua relação.

RC: Bom, nesse mesmo dia foi a parte da meningite, depois já comecei com o programa de imunizações, começamos a trabalhar ao mesmo tempo...

MC: Ao mesmo tempo?

RC: Ao mesmo tempo. O programa estava dentro do ministério, pertencia a epidemiologia, estava imunizações e epidemiologia nessa época. E aí estávamos, começamos a trabalhar. E, não era um programa de imunizações bem estruturado nessa época e começamos a ver...

DN: Como é que funcionava nessa época?

RC: As coberturas estavam baixas, não é?

DN: Como funcionava nessa época?

RC: Nessa época? O programa funcionava no Centro de Saúde e nos postos de saúde onde tinham a vacina.

EM: E já seguia as normas do PAI, da proposta do programa enviado de imunizações ou tinha metodologia, forma de trabalho, ou se organizava e componentes técnicos diferentes do que recomendava para as América a Pan-americana, o PAI Pan-americano. Percebeu, não é?

RC: Sim. Bom, tentavam, tentavam fazer todas essas normas, mas faltava muito realmente para ser as normas de programas de imunizações que a OPS dizia e fazia. E da maneira como se estava trabalhando também as atividades e as coisas estavam um pouco... Mas imediatamente tentamos fazer as...

EM: Nos Varridos.

RC: Não, não. Nos varridos vieram muito tempo depois.

EM: Não, Arregos, Arregos.

RC: Ah, nos Arregos. Sim, tentando fazer nos arregos tendo conseguido alguma coisa e depois mudou o governo e conseguimos trabalhar bem, fazer tudo o que estava e organizar o programa de imunizações como deveria ser realmente, não é?

DN: Mudou para quem, quem assumiu o ministério?

MC: Alan Garcia.

RC: Alan Garcia e Davi Terrada. Isso seria antes mesmo de Davi Terrada estar lá, e, todavia, Alan Garcia não havia assumido. Nós já trabalhávamos com o Davi Terrada no colégio médico.

MC: Onde que eram as reuniões?

RC: Fazíamos as reuniões no colégio médico, por quê? Porque era o espaço que eles tinham para trabalhar no colégio médico. Então íamos todos os dias estávamos lá com o

Davi trabalhando e vendo como... E ele um dia nos disse assim: “O que vamos fazer nos primeiros 100 dias de governo? Teremos que fazer algo, teremos que mostrar coisas boas, que vamos fazer?” Me recordo bem de Davi estar muito assim... **(risos)** E aí: “E eu digo a vocês que pensem até amanhã”. Manhã, porque isso era um dia a tarde. “Amanhã de manhã tragam-me o que vamos fazer em 100 dias”. “Nós já temos algo”, eu disse, “Já temos”. “Sim, mas amanhã de manhã porque agora já estamos terminando porque tenho uma reunião com não sei quem que devo sair para uma reunião, e amanhã de manhã”. “Está bem! A que horas?” “Oito”. “Ok, oito estaremos aqui”. Porque ele sempre era bem prevenido, Davi nos reunia... Bom, aí as 8 da manhã estávamos lá. Quem estava? Estava comigo, a Unicef, estava o programa de imunizações...

MC: Seminário?

RC: Lucio Seminário (**É NOME DELE????**)... Não, calma. Lucio foi muito depois, Lucio foi depois. Depois eu conto a história de Lucio. Querem que eu conte agora?

MC: **(risos)** Não, depois.

RC: Bom, aí então...

MC: Quem estava na reunião, era Unicef...

RC: Era Unicef, OPS e nada mais. E... Estou tentando recordar o nome dele.

MC : Era um amigo de Davi?

RC: Sim.

MC: Saulo?

RC: Não, Saulo não era ele.... Aí! Uma **prista** que era... Aí eu me recordo dele, parece que estou vendo. Inclusive havia separado todas as fotos para trazer para vocês, que tem inclusive, tenho **Alan em Balconço** falando da vacinação e de tudo isso... Tenho as fotos, mas agora não pude trazer.

DN: Você foi lá como OPS?

RC: Como OPS.

DN: Você estava lá estava como OPS.

RC: Eu estava como OPS.

DN: Mas tinha alguém da Unicef?

RC: Tinha uma pessoa da Unicef.

DN: E tinha alguém do programa de imunizações?

MC : Tinha Fernando **Cabeças...**

RC: Cabeças? Veio muito depois, Cabeças veio muito depois. Era um apриста... Um apриста... Vivia em **Ica...** Aí! Bom, então na reunião chegamos e aí ele disse: “O que vocês têm para os 100 dias?” Eu disse: “bom uma das coisas é melhorar o programa de imunizações, temos que levantar cobertura”, e ele: “E o que propõe tu, Rosa?” “Bom, eu proponho, não só eu, nós propomos, nós propomos que se faça uma jornada de vacinação, uma boa jornada, três dias, três etapas da jornada de vacinação”. “Seguro?” “Sim.” “E como vamos armar essa jornada?” “Bom, podemos chamar La Van”. Aí foi La Van.

EM: La Van que quer dizer vacinação, como é? Vacinação Nacional?

RC: Nacional.

MC: Sim. Qual é o nome?

DN: Vacinação Nacional.

MC: Em uma entrevista nos disseram que não se usou o nome de jornada...

RC: De jornada não queríamos porque...

MC: Porque em Espanhol é...

RC: Exatamente, exatamente. Por isso não usamos aí se usou...

EM: VAN é Vacinação Nacional.

RC: Vacinação Nacional.

EM: Ampliada nacional?

RC: É só nacional.

EM: Ah não é a vacinação aqui...

DN: VA é Vacinação.

RC: E ele assim: “É seguro que vamos conseguir?” “Sim, vamos conseguir”. “Mas eu não posso dizer isso a meu presidente (**risos**), como vou dizer isso a ele e depois se não sair nada, o que vamos fazer?” “Não, vai sair tudo bem, vamos fazer”. “E como vamos fazer” Aí já tínhamos tudo, tínhamos os postos de vacinação, e íamos fazer de casa a casa se necessário, tudo, como estava tudo organizado. E assim vamos fazer. “Seguro?” “Seguro”. E um peruano me disse assim: “Tu és aprista como eu, tu sabes que a nossa cabeça está nisso. (**risos**) Que vão cortar nossa cabeça”. E a ti Rosa te mandam sacar de Peru. (**risos**) Mandamos sacar daqui. (**risos**) E outro que também era da Unicef que estava com nós também, era um peruano. Ele disse: “Tu, vai sair da Unicef, vás para outro lado, porque não vás, mas trabalhar na Unicef”. E assim a reunião que tivemos no Colégio Médico com Davi Terrada. Mas tudo saiu muito bem.

DN: Nesse momento ele não tinha assumido ainda?

RC: Não, não tinha assumido.

DN: Ele estava se programando...

RC: Estava se programando para assumir e quando ele ia para os 100 dias ele tinha que ter uma programação.

DN: Quando ele chegasse lá já estava...

RC: E não só isso. E aí também se falou da parte de vacinação e da vigilância também, e a vigilância ficou para um segundo momento. Porque primeiro era a vacinação que era do momento, mas também estava na lista dos 100 dias dele melhorar a vigilância toda... Se falou em melhorar a parte de vigilância, também se falou.

MC : E como foi a formação do grupo técnico?

RC: Bem, aí Davi assumiu, Alan Garcia assumiu, Davi assumiu e todos. Começamos a trabalhar no ministério. E ele tinha que pôr, em minha cabeça tinha que pôr um chefe de imunizações bom. Eu sempre dizia para o nosso colega peruano que estava manejando tudo, ele tinha todo... Manejava toda... Toda a parte de imunizações, a parte de epidemiologia que estava chefiando tudo, e... Um dia eu lhe disse: “Temos que pôr um chefe de imunizações”. “E quem tu propõe?” Eu digo, “Bom, eu proponho que busquemos, porque eu tentei encontrar aqui no Peru, mas não consegui encontrar”. “Quem?” “Lucio Seminário”. Ele disse a mim: “Lucio Seminário? Trabalhando conosco”. “Temos que buscá-lo porque é uma pessoa que se graduou, no John Hopkins inclusive, e tem muito bom conceito, porque Ciro me disse que o conhece e que ele é super bom, e que Ciro está dizendo que teremos que buscá-lo para ser chefe de imunização”. “Sim, temos que buscá-lo e vamos falar com Davi” Então subimos, fomos ao gabinete de Davi Terrada. Entramos e falamos: “Sim, busquem ele”. E aí falamos com Davi, e formamos um grupo nosso para trabalhar. Não vamos por consultores nacionais, até que nós saibamos que são gente boa para colocarmos. Vamos buscar para que vão aqueles que... Então, aí buscamos uma pessoa que eu já conhecia, o Soto. Aí buscamos o Soto, o Soto veio e Soto foi atrás de Lucio Seminário. E encontrou Lucio, e

o atraiu e depois Soto e Lucio foram aos departamentos comigo para encontrarmos gente boa para trabalhar na equipe.

EM: O nome completo de Soto.

RC: Rodolfo. Rodolfo Soto. E aí foi que se formou o grupo. Somos nós... Bom, aí começamos a trabalhar, e Roque Medrano foi o primeiro consultor nacional. Roque Medrano, foi o primeiro que eu contratei, e realmente foi muito, muito bom. Ele estava na minha equipe trabalhando com outros, estava no interior também. Roque foi o primeiro que foi contratado.

EM: E só para situar: Quando foi que o Peru aderiu ao PAI / OPS?

RC: Imediatamente.

EM: Imediatamente. Logo que se criou o PAI na Pan-americana em 1975, logo o Peru aderiu a...

RC: Não foi um ano depois, foi um ano depois.

EM: Já em 1976?

RC: É. Foi em 76.

EM: E fala um pouquinho de como era a sua rotina de trabalho como assessora do PAI no Peru. O que você fazia, qual era mais ou menos o teu trabalho diário e semanal e mensal. Como é que se organizava e como você funcionava, se tinha que ser dentro do ministério, se era dentro da sua sala na OPS. Esse tipo de detalhe que interessa, como você se movimentava ali dentro.

RC: Bom, organizamos o grupo. Eram seis nacionais que estavam comigo depois mudamos, alguns foram mudados e outros permaneceram, certo? Os que permaneceram desde o início sempre foi Jorge Medrano, Carlos Castilho Solozano (**verificar nomes**), Sapata, Jorge Sapata, Mary **Fuentes**. Eles quatro foram os primeiros que foram

contratados e seguiram sempre. Os outros vieram depois. Porque depois passou outra pessoa, passou mais outra, passou mais outra e depois chegou Washington Toledo que foi o último que ingressou ao grupo, foi o Washington Toledo. Acharam vários nesse momento depois foram mudando. **(risos)** Porém, Washington foi o último que veio. E também Patrícia Campos. Patrícia Campos também era uma contratada nossa para ver todos os casos que nós identificávamos de paralisé flácida. Patrícia via todos os casos. Para encerrar o caso, Patrícia tinha que ter visto, senão não se encerrava, sempre. E, bom, tu perguntaste do meu trabalho.

EM: Da rotina.

RC: Então a rotina, dividimos o país e cada um dos consultores nacionais era responsável por determinados departamentos. E eu tinha o Ministério da Saúde, oficina, trabalhava lá e na OPS. Tanto é que o anexo da OPS, eu tinha um anexo da OPS em minha oficina. Isso quando o Davi chegou foi a primeira coisa que pus em minha oficina lá no meu ministério foi um anexo meu da OPS lá. Então tínhamos linha direta para chamarmos quando queríamos a todos os departamentos e eles me chamavam da OPS quando necessitavam. E se eu estivesse lá, pelo telefone, fazia assim, e depois Davi pôs um outro em sua oficina lá para ter acesso direto com a OPS, porque eu teria que atender também essas duas partes. E assim foi e eu trabalhava muito, eu viajava muito por todo o Peru. Não importava se era avião, helicóptero militar, barco, navio, tec-tec... cavalo, a pé, de qualquer maneira saíamos a vacinar sempre.

EM: O que é tec-tec?

AN: Tec-Tec é um barco pequeno que vai em determinados, por rio que não passam um barco normal e faz: tec-tec... tec-tec... Então o nome... **(risos)** ... Bom, aí trabalhávamos dentro do ministério, o Lucio Seminário assumiu como representante do programa de imunizações, e organizamos tudo, tínhamos uma equipe de supervisão da jornada e todos, tínhamos que capacitar gente para supervisionar, para trabalhar toda uma equipe boa. Miriam Strull era nossa supervisora, neste momento era supervisora do programa de imunizações das jornadas todas e depois Lucio como chefe de epidemiologia e Miriam como chefe do programa de imunizações. Se fez a mudança e foi muito bom.

DN: A jornada eram três dias?

RC: Não... É, a jornada era de três dias.

DN: Eram três etapas na verdade num dia só.

RC: Três etapas.

DN: Cobria o país todo?

RC: O país todo.

DN: Os recursos vieram da onde?

RC: Os recursos vieram... Em português. Falo em português?

DN: Não precisa.

RC: Da USAID, deu muito, muito dinheiro. A USAID passava dinheiro para a OPS e nós... Porque a gente tinha um trabalho muito, muito conjunto, unido. Unicef, USAID e nós, OPS, a gente trabalhava assim. E também com o ministério.

DN: OPS, Washington que remetia... É isso?

RC: É, USAID de Washington passava o dinheiro para OPS, mas vinha todo para o Peru...

LADO B

DN: Rosa, você estava falando dos recursos para a jornada.

RC: Bom, os recursos, os principais recursos vieram da USAID que passava muito e muito dinheiro para OPS, para o programa de imunizações. E a gente fazia, nós tínhamos que fazer... Eu fazia sempre um plano de ação aonde eu ia gastar e que atividades iam ser feita. Certo? E isso era apresentando no comitê interagencial que nós tínhamos formado, a gente apresentava tudo e... **(vozes ao fundo)** Os recursos eram da USAID, do Bird também, o Bird também deu recursos, não foi empréstimo, foi recursos para funcionar o programa de imunizações também; a Unicef, parte de comunicação tudo muito, muito. A parte de comunicação toda era da Unicef. Divulgação tudo isso pago com dinheiro da Unicef. Muito. E depois quando se montou o programa de erradicação da pólio, aí o Rotary deu...

DN: Isso era 1985, não é Rosa?

RC: Isso era 1985.

DN: E já não estava a proposta da erradicação?

RC: Não, ainda não.

DN: Não?

RC: Não, ainda não estava. Isso que eu estou te falando...

DN: Essas VANs era no sentido que o...

RC: Essas VANs...

DN: Da poliomielite?

RC: Não, não, não. As VANs eram para aumentar a cobertura, todas as coberturas, não só da pólio.

DN: Ah sim!

RC: De todas as vacinas, não só da pólio. Porque não tínhamos a erradicação nesse momento ainda. Quer dizer já estava entre... Lá em Washington já se estava falando, mas não estava ainda decidido. E esses recursos foram o que levou a gente a começar a trabalhar forte com os departamentos e tudo e o ministério trabalhou muito, muito nesse sentido.

DN: Isso quer dizer que independente da erradicação, a USAID, o Unicef. Essas instituições todas já participavam com recursos para imunização.

RC: Para imunizações sim.

DN: Nos vários países.

RC: Bom, dependendo de cada país. Porque você sabe que em alguns países... Em vários não, em alguns, porque não era em todos os países que tinha... O USAID não dava dinheiro para todos os países; o Bird tão pouco. Entende? Dependia de como estava proposta a programação e como se podia fazer isso.

EM: E só complementando. E nem todos os países...

DN: Tinham o programa.

EM: Não. Aceitavam dinheiro da USAID, porque era departamento de estado americano e tem problemas às vezes em receber esse tipo de...

DN: Problemas ideológicos.

EM: Problemas políticos, ideológicos, que alguns países... Não queriam, dependendo da circunstância política de cada país. Agora, vários países, principalmente da América Central, muitos recebiam apoio da USAID e aqui na América, o Peru, acho que Colômbia também, vários outros países também.

RC: Bolívia.

EM: É, Bolívia, mas outros países não. Por exemplo, o Brasil não, e outros não.

RC: Argentina tão pouco.

EM: Argentina também.

EM: Isso às vezes também estava na necessidade real de recursos.

RC: Sim.

EM: Que aquele país tinha recurso para colocar seu próprio recurso e não utilizava esse...

RC: Não, e com o dinheiro da USAID a gente realmente conseguiu trabalhar e montar muito, muito, muito. Parte de cadeia de frio era com o dinheiro da USAID que se comprou muitos, muitos refrigeradores, termos e outra coisa, foi com esse dinheiro.

MC : E nesta época quem que estava vacinando.

RC: Quem estava vacinando?

MC: Os vacinadores quem foram?

RC: Os vacinadores quem foram?

MC: Sim.

RC: Os vacinadores eram dos departamentos; eram enfermeiros, auxiliares de enfermagem...

MC: Profissionais do ministério.

RC: Profissionais do ministério e dos departamentos. Eles eram as pessoas que vacinavam e também tínhamos capacitado muitos vacinadores para sair a vacinar, não

só a vacinar, mas a sair e buscar os meninos. Porque essa era uma coisa, porque os meninos não chegavam aos postos de saúde, tínhamos que ir buscar. Então capacitamos gentes para ir visitar as casas e trazerem as mães com os filhos para serem vacinados.

EM: Era o quê, se chamava canalização?

RC: Não, não...

EM: Porque em Colômbia se chamava canalização.

RC: Não, não...

EM: Porque em Colômbia se chamou canalização.

RC: Não, não. Isso era só em Colômbia, canalização era só em Colômbia, nos outros era ir vacinar, muitas vezes íamos as casas e púnhamos o posto mais perto possível da casa e dos mercados, e nas igrejas, e nas escolas em todo os lugares púnhamos vacinação. Antes não pensávamos nos varridos. Os varridos, depois quando pensamos nos varridos para a erradicação da pólio aí sim era de casa a casa, todas.

EM: É utilizando estudantes de enfermagem, estudante de medicina, eram agregados esses para ajudar a vacinar?

RC: Sim, sim, me esqueci de dizer. Foram os primeiros que junto com a VAN... Os primeiros que buscamos foram os estudantes de enfermagem e de medicina, sim, sim, muitos, muitos foram eles.

DN: O Rotary nesse momento já estava...

RC: Não, não. Na primeira VAN não, não estava o Rotary ainda, depois é que veio a fazer parte...

EM: E as Forças Armadas, o exército, a marinha, a polícia, as forças?

RC: Também, também nos ajudaram muito, muito. As Forças Armadas na parte do exército e da polícia nos ajudou bastante.

EM: Com o que, com pessoal ou também com a parte de logística.

RC: Não só com pessoal, a parte logística também.

EM: Com carros, transportes.

RC: Os transportes conseguíamos de todo... De onde se podia se conseguia os transportes porque necessitávamos transportar muita gente e ir quilômetros, não é? Então necessitávamos de todo tipo de transporte.

EM: E havia gente da própria estrutura de saúde que punham seus carros à disposição para apoiar.

RC: Sim.

EM: Por exemplo, você.

RC: Sim.

EM: Punha o seu carro e pagava do seu bolso a...

RC: Sim todo, mas aí tínhamos também... Aí tínhamos a parte dos fundos que se podia pagar combustível. Você pagava a viagem, se pagava combustível. Tínhamos todos, porque quando se organizou fizemos um plano de ação de aonde se ia gastar o dinheiro. E aí tínhamos para pagar combustível e para pagar...

EM: E se pagava os vacinadores com dinheiro ou se não eram contratadas, as pessoas eram voluntárias.

RC: Não. Eram voluntários e se pagava quando saiam de um lado para outro o máximo que se dava era para a comida. Se fazia a parte de comida para eles, porque passavam o dia todo vacinando. Então essa parte da comida era tudo que se pagava para comer.

EM: Mas não como se fosse um soldo para...

RC: Não. não. Isso era para quando se ia para outro lado. E se estava dormindo em outro lugar... Que tínhamos que pagar viagem. Aí pagávamos a viagem, quando iam dormir.

MC: Rosa, como que foi a participação do Rotary com sua pessoa?

RC: Bom. Quando o Ciro lá em Washington se reuniu com... Não só o Ciro, o Carlyle que era nosso diretor se reuniu com todos os ministros de saúde dos países e que decidiram que ia ser erradicada a pólio. Então foi uma reunião como todos eles, com o Rotary Internacional, com o diretor do Rotary Internacional e aí começou a parte do Rotary que veio a ser muita. E primeiro...

DN: Em que momento foi isso, Rosa?

MC: Em 1985.

EM: Em 1985, 86.

DN: A proposta foi em 1985.

MC: Sim, porém, quando foi lá?

RC: Foi imediatamente. Assim que Ciro e os ministros deram o O.K. lá, imediatamente no Peru já estávamos... Sim, porque já estávamos organizando. Quando deram o O.K. os ministros, aí se lançou imediatamente. Ai! Não me recordo...

EM: O ano, o ano. 1986 mesmo.

RC: Eu creio que foi em 86.

DN: Essa reunião foi em 85 mesmos.

RC: Não.

DN: A reunião dos ministros.

EM: Não, a dos ministros.

RC: A reunião dos ministros foi final de 1985, não foi início de 85.

DN: Não, não foi início não.

EM: Mas começaram a se organizar em 86.

RC: Foi em 86.

EM: Lá no Peru. Eu penso, eu penso.

RC: Creio que foi em 86.

EM: Para se organizar.

RC: Me parece que foi em 86. E aí então o que o Rotary... Isso foi dar dinheiro para Washington para a compra das vacinas. E vieram todas as vacinas não, as vacinas da pólio, a Sabin, foi o que o Rotary passou o dinheiro para a OPS, Washington, para pagar a vacina Sabin para os países. E o Peru estava aí, e pagou todas as vacinas para o Peru.

EM: Essa reunião com essas várias agências foi o embrião da CCI? Já começou com...

RC: Não, a CCI foi organizada antes, a CCI foi organizado antes de fazermos a VAN em 85. A CCI..

EM: E o PAI.

RC: E o PAI, o Programa de Imunizações, aí se formou o CCI que era um participante... Primeiro fizemos com os representantes, com a cabeça máxima, com o ministro dos representantes das agências que era USAID, era o Bird, era a Unicef, nós e ministério.

EM: O Rotary não estava?

RC: Nesse primeiro momento não veio, depois que veio o Rotary. Então já tínhamos formado a comissão e depois se estendeu. Aí sim veio o Rotary, que aí foi Gustavo...

MC: Gustavo Gross.

RC: Gustavo Gross. O primeiro contato de Gustavo foi comigo.

MC: Como foi esse primeiro contato?

RC: Aí, foi lindo! **(risos)** Sem problema, não? Gustavo realmente é uma pessoa muito boa. E eu quero muito a sua esposa também. E, ele foi a cabeça, eu digo que realmente ele... Veio, falei, lhe disse, mostrei o que era e tudo, e ele disse: “Vamos trabalhar. Vamos trabalhar”. E aí imediatamente ele quis uma reunião com os rotários do Peru para dizermos como íamos fazer a parte da erradicação e aonde eles podiam apoiar. E assim foi. E eles apoiaram muito, muito, muito, muito.... E depois não foi só o dinheiro que pagaram das vacinas, para Washington que mandavam aos países. Eles no Peru, eles davam dinheiro para combustível, pagavam a gente, punham gente a trabalhar conosco, os voluntários. Iam mesmo. Eles juntavam os voluntários todos para trabalhar. E foi.... Os voluntários são os rotários. E vacinavam, e vacinavam conosco, trabalhavam, iam as províncias, e a cada reunião que eu fazia nas províncias... E não só nas províncias, mas em outros países também. E aí levava ao Gustavo para que ele falasse nos outros países. Porque ele como rotário forte, estava bem no Peru, ele ia e falava nos outros lugares como....

EM: Que países, por exemplo?

RC: Que eu me recordo: Paraguai, Bolívia, Venezuela, Congo... Que me recordo são esses.

MC: Em algumas entrevistas se dizia que existia um comitê entre os ministros ou interagencial. Funcionava realmente?

RC: Esse comitê interagencial...

DN: É o CCI.

RC: É o CCI. É o Comitê Interagencial.

MC: Sim, sim. Qual eram as outras equipes...

DN: O que significa?

RC: CCI, Comitê Interagencial. Comitê Interagencial. Então era Unicef, USAID, era o Bird, era o Rotary, era o ministério, a OPS e depois entrou CARE também, CARE muito trabalhou também. CARE.

DN: CARE. O que é CARE?

EM: CARE, CARE. É CARE, em inglês é CARE.

RC: Que também trabalhava muito...

EM: C-A-R-E.

RC: E esse era o comitê. E o comitê se reunida sempre uma vez ao mês com as cabeças, porém, nós, os técnicos, nos reuníamos muito mais. Nós os técnicos nos reuníamos para decidir coisas, para dizer o que estávamos fazendo, tudo isso nós os técnicos dessas agências, sempre nos reuníamos.

MC: E quais eram algumas dificuldades que tinham... Tem no caso políticas...

RC: Bom, uma das dificuldades normais, foram políticas quando se passava de um governo a outro. Essa foi uma. E, a outra foi a parte do terrorismo.

MC: Do terrorismo?

RC: Mas o terrorismo, o Sendero, não foi uma dificuldade para nós vacinarmos, ou para fazermos a vigilância, porque nós saímos e nunca nos impediam de vacinar. O Sendero o MRTA, mas tínhamos sempre um pouco de dificuldade de entrar, mas quando o ministério de saúde a mim, por exemplo, as Nações Unidas não queria que eu fosse porque eu era OPS e eu não podia ir a sítios onde estava o Sendero. O coronel das Nações Unidas dizia: “Tu não podes ir”. E eu dizia: “Eu tenho que ir porque tu não podes fazer o meu trabalho, eu que tenho que ir trabalhar, eu vou”. “Mas não pode!” “Vou”. E então eu saía e ia trabalhar, porque eu saía com o Ministério da Saúde, eu não saía como OPS, era o Ministério da Saúde a mais. Ia a todos os lugares onde você pode imaginar.

MC: A Ayacucho também?

RC: A Ayacucho, a ?**Pitianaque**, a todo lado, eu fui a todo, todo, todo. Todo o Peru, eu conheço todo o Peru. Muitos peruanos diziam que eu conhecia mais o Peru do que eles.

EM: E neste momento qual era o percentual de área vermelha que não se deveria, que por segurança, a OPS falava que era área vermelha que você não deveria trabalhar.

RC: As Nações Unidas...

EM: Que percentual do país, de onde se buscava principalmente.

RC: Bom, Ayacucho, Huancavelica, ao redor de Lima, **Ronin**, Cerro Pasco, aí justo em Lima, Uaicán. Não se podia ir a Uaicán, mas eu ia sempre, sem problema. E...

EM: Que percentual do país representava essas áreas?

DN: Eram áreas ocupadas permanentes.

MC: Não, não eram permanentes.

RC: Não era permanente. A própria Lima à cima em...

MC: Guaratini?

RC: Em Guaratini não se podia ir, não importava todos íamos.

MC: Alguma vez tiveste um encontro com gente do Sendero?

RC: Muitas vezes! Quando íamos ingressar tínhamos que: “Aonde vais?” “Sou Ministério da Saúde, vou a tal lugar”. “Podes passar!” Muitas e muitas vezes encapuzados que metiam a pistola na minha cara. Sempre! Muitas vezes, muitas e muitas vezes eu estive com eles encapuzados e a pistola na cabeça, mas sem nunca, nunca... Nunca fizeram nada a nós e ao Ministério da Saúde, porque realmente viam que estávamos trabalhando. O Ministério da Saúde tinha passe livre para ir, não havia problema. E quando nós capacitávamos onde estava o Sendero, aí tinha que vir a ser capacitado, perguntavam isso: “Quando vais, aonde vais, o que vais fazer, e quando regressa?” E eles tinham que regressar dizendo... Sempre dávamos um certificado de que haviam participado na capacitação assim, assim, e assim, de quando a quando, e eles passavam e mostravam a eles, e eles ficavam felizes porque estavam sendo capacitados para melhorar lá a população. Assim sempre foi.

EM: Como se manejava muito rápido a programação, a planificação, o sistema de vigilância, esses componentes, como se manejava para se organizar isso no país, como faziam? Se era desde a nível central, se vocês iam para a periferia e começavam a trabalhar de lá, para depois ir compondo o plano, como se manejava isso?

RC: Bom, nós íamos as províncias e trabalhávamos com eles para ver como e onde tinham que melhorar, o que tinha que fazer e, em cada província se fazia isso, e depois fazíamos uma reunião com todos e mostrávamos um plano de ação que havíamos programado com eles para cada província o que ia fazer – Cada província não, perdão, cada departamento o que iam realizar. Quais eram as atividades tanto de vigilância quanto de vacinação. Então depois víamos a nível central. Muitas vezes as reuniões

eram em Lima e outras vezes eram em um departamento, onde escolhíamos e íamos ao departamento e nos reuniões todos lá, ou em Lima, onde estava melhor, com os ministérios e fazíamos a programação por trimestre. Por trimestre geralmente fazíamos porque já tínhamos um plano nacional que era para o ano todo, porém, por trimestres íamos vendo como, se estava melhorando, que tínhamos que melhorar algumas coisas e se ia ajustando esse plano, mas era com eles. Com eles mesmos que fazíamos e muitas vezes tínhamos que tomar decisão... O Ministério da Saúde tinha que tomar a decisão: Bom, vamos fazer tal coisa. E tínhamos que fazer todos. Alguns departamentos estavam de acordo outros não, mas normalmente todos estavam de acordo e fazíamos.

DN: E os que não estavam de acordo faziam mesmo assim?

RC: Faziam, faziam porque era um país único, então...

EM: Nesse governo unitário a autonomia dos departamentos é mais restrita do que como nos outros em uma federação.

RC: Sim.

EM: Essa é uma diferença

RC: Sim, muitas vezes em alguns departamentos teriam **elgas**, mas assim mesmo se vacinavam e não havia... Tinha **elgas**, estavam na **elgas**, tinha greve, mas íamos e conseguíamos vacinar e conseguíamos regular tudo e saíamos a vacinar. E os vacinadores estavam conosco também.

EM: E um país com uma grande dificuldade de acessibilidade geográfica em várias áreas, como manejava o sistema de logística. Por exemplo, para a região andina pelas dificuldades todas da região e para a parte da Amazônia. Eu estou mirando para Cusco, Arequipa, a região andina e depois...

RC: Não falaste de Loreto.

EM: Não, depois Loreto, a Amazônia... E Iquitos... Essas coisas, como você manejava isso, cada uma...

RC: Cada uma é diferente.

EM: Com as suas peculiaridades.

RC: Cada uma é diferente. A parte logística, a parte para mandarmos as vacinas, como mandávamos, é isso?

EM: Isso, isso. Como fazer para chegar tudo.

RC: As vacinas se transferiam trimestralmente, às vezes trimestral porque não tem nenhum espaço para guardar muitas vezes tantas vacinas, então se mandava às vezes mensal ou de dois em dois meses, dependia de cada departamento se tinha espaço para guardar todas as vacinas ou não. E se mandavam algumas por caminhão. Com caminhões que tinham uma rede de frio que foi muito bem montada. Para isso tínhamos um engenheiro, para isso tínhamos um engenheiro. Tínhamos, não teríamos, todavia a OPS tem, está jubilado, mas havia trabalhado. Eu levei ele a Argentina a pouco. É Vitor Gomes, o engenheiro Vitor Gomes. Eu digo que realmente é o melhor engenheiro para a cadeia de frios.

EM: E apoiava todo o país.

RC: Não, e aqui no Brasil quando eu estava na secretaria de saúde do Rio Grande do Sul e eu tinha conhecido ele lá, eu não estava ainda na OPS quando conheci Vitor Gomes em Porto Alegre. É muito, muito bom. Vitor Gomes é excelente. E, bom, se montou uma câmara fria no Peru, mas isso já foi nos anos mais, nos anos 90, por aí, e se mandava tudo isso. E ia lá em Loreto ia de avião até Iquitos e depois o problema era eles mandarem...

EM: Para a distribuição.

RC: Porque a distribuição de Loreto era só por rio. Mas...

EM: E para a parte andina?

DN: E aí distribuía como, pelo rio em isopor?

RC: E sim, nas caixas térmicas, porque tínhamos caixas térmicas de onde vinham as vacinas, as caixas térmicas onde se botava as caixas menores para transportar as vacinas. E nessas mesmas caixas se mandava para lá. E os termos todos que se compraram, muitos, inclusive se fabricou um termo em Peru muito igual ao ...

EM: (Marca de alguma coisa... **inaudível**)

RC: Ao (Marca de alguma coisa... **inaudível**) igualzinho. Se fabricou um no Peru.

MC: E quem o fabricou, se recorda?

RC: Aí o nome não me recordo.

MC: E qual é a novidade de fazer um...

RC: Bom, a primeira novidade é que se comprava no Peru e não tínhamos que gastar tanto dinheiro, e outros países também compraram lá. Foi muito bom. E tanto é que para a VAN que compramos, porque compramos? Fomos comprar esses termos para fazê-los e eram muito pequenos, então fizemos uns gordos assim, grandes que não passavam e eram (**lamarios**) me recordo. E se fabricaram primeiro esses termos e depois está mesma empresa fabricou os (Marca de alguma coisa... **inaudível**); Eu não me recordo o nome da empresa, eu não recordo.

EM: Mantinham mais de 8 horas, cinco horas a temperatura?

RC: Sim, sim, sim, estes sim mantinham.

EM: E...

DN: Na região andina.

EM: Sim. E como é...

MC: E Pitianaque, como foi?

RC: Bom, em Ronin. Em Ronin tínhamos que ir seguindo sempre por terra. Nós chegamos em Ronin, trabalhamos, assim como em Ayacucho, em Ayacucho íamos de avião... Mas eu quero contar na última vez que fui a Pitianaque... **(risos)** Foi quando fomos com o ministro de saúde e os representantes da OPS, o Gustavo Gross da Rotary, e Unicef também foi conosco e USAID. Fomos com helicóptero militar. Fomos com o ministro, fomos com helicóptero e Miriam Strull com o ministro e com os outros e fomos. Tínhamos todo o exército em posição. E lá chegamos estavam todos nos esperando e fomos, com um ônibus do exército, e chegamos de repente passou um caminhão e eu quando vi, porque eu estava sentada bem na frente, estava bem na frente, e vi um major do exército e pus a mão assim e ele: “Opa!” Me mirei, era um caminhão passando assim... E ele: “Era um caminhão que estava passando, nada mais”. Não houve nenhum problema absolutamente, nenhum problema de Sendero, nada, nada. Fomos ao hospital onde foi inaugurado e o hospital todo, estava Fermim. Se examinou Fermin. Essas fotos que vocês têm aí se tirou lá em Pitianaque. Tiraram a foto de Fermin, eu tirei várias fotos com Fermin também. Mas, demos para que aparecesse, tinha que ser Fermin com Zapata, porque Zapata era o que trabalhou muito, muito. Zapata trabalhou muitíssimo lá em Ronin. E não só em Ronin, porque toda a zona difícil tinha Zapata. E ele caminhava, trabalhava muitíssimo, muitíssimo. Depois eu levei ele a Venezuela, na Venezuela, eu levei Zapata comigo para que trabalhasse na Venezuela. Muito, trabalhou muito **(em epidemia... inaudível)**. E aí sim foi bastante lindo, foi bastante bom esse trabalho que fez o Zapata. E essa viagem nossa a Pitianaque foi quando foi o último caso e aí estava Fermin e foi muito lindo. E o povo de Pitianaque com o hospital que nós havíamos inaugurado, esse momento que o ministro inaugurou o hospital foi todo uma...

DN: Que idade tinha Fermim, nessa época?

RC: Ah, era pequeno. Deveria ter 3 anos. 3 ou 4 anos. Não, 3. eu creio que era 3 anos que tinha ele. E foi notificado. Eu me recordo que foi notificado Fermim, foi notificado...

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
Projeto A erradicação da poliomielite – uma história comparada:
Brasil e Peru
Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite**

ROSA MARIA WELLES CARDOSO
(Depoimento)

A Citação deve ser textual com indicação de fonte:

Cardoso, Rosa Maria Welles. Depoimento. *Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Pesquisa/Departamento de Arquivo e Documentação, 2005.

Fundação Oswaldo Cruz

Casa de Oswaldo Cruz

Projeto: A erradicação da poliomielite – uma história comparada: Brasil e Peru.

Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite

Entrevistado: Rosa Maria Welles Cardoso (RC)

Entrevistadoras: Dilene Raimundo Nascimento (DN), Eduardo Maranhão (EM), Marcos Cueto (MC) e Deepak Sobti (DS)

Transcritor: ?

Conferências de fidelidade: 1º Evelyn Morgan Monteiro

Data: 23 de junho de 2005

Local: Rio de Janeiro / RJ

Fita 2/3

Legenda:

- *Itálico*: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;
- []: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

FITA 2

LADO A

EM: E que tipo de estudos assim técnicos científicos e operacionais foram realizados no Peru foram importantes para o PAI no Peru e também para o próprio Continente Americano, tanto... Para as atividades mais próprias do PAI como para a erradicação da pólio. Que tipo de estudos foram feitos? (**pausa**) Parece que foi feita bastante coisa no Peru.

RC: Foi feita. Eu tenho que lembrar.

EM: É por isso que eu estou querendo que você lembre.

RC: Eu estou tenho que lembrar.

EM: O Peru contribuiu muito com estudos para...

RC: Bom, a gente fez... Que eu lembre a gente fez o de Oportunidades Perdidas.

EM: Isso.

RC: O Estudo de Oportunidades perdidas que tu participou.

EM: Isso, isso. Brincamos juntos.

RC: Estudo de Oportunidades perdidas que foi muito... Muito bom esse estudo, para ver onde estavam as falhas das vacinas e eu lembro que muitas eram do próprio pessoal de saúde que tinha as contra-indicações que não deviam ser contra-indicações e momentos também que abria um centro de saúde em determinados momentos que a mãe não podia ir, não é?. Outro também é que as vacinas, eles não queriam abrir as vacinas todos os dias porque só tinha uma criança para vacinar e eles não queriam abrir o frasco porque daí tinha que botar a vacina, descartar e daí se perdia a vacina, então eles tinham um pouco de temor nesse sentido também.

EM: Quantas avaliações operacionais foram feitas no Peru?

RC: Três.

EM: O Peru me parece que foi um dos primeiros países a fazer esse tipo de avaliação.

RC: Foi.

EM: Não foi? Ou o primeiro.

RC: Foi. Eu acho que foi o primeiro. Foi o primeiro sim,

EM: Então, que outro tipo de...

DN: A fazer o quê?

RC: Avaliações.

EM: As chamadas avaliações.

RC: Avaliações do Programa de Imunizações.

EM: Avaliações operacionais, multidisciplinares.

RC: Essa avaliação, a gente fazia entrevistas desde o nível político, daí depois vinha nível técnico, comunidade e a mãe. A gente fazia tudo, todas as situações.

EM: E fazia geralmente um inquérito de cobertura.

RC: Um inquérito de cobertura. Se fazia um inquérito de cobertura também e lá se foi feito vários inquéritos de cobertura, não na avaliação, fora da avaliação a gente fez inquéritos de cobertura lá também, para ver como estava a cobertura, se as coberturas que nós vimos no inquérito era o que estava dizendo os registros que a gente fazia, que o pessoal de saúde fazia. E, realmente a gente viu que estava bem. E a parte de

vigilância também. Na parte de vigilância da, da pólio, erradicação da pólio, a gente fazia muito a busca ativa nos hospitais que a gente via todos, todos, todos os diagnósticos para ver se tinha alguma paralisia plácida que não tinha sido notificada, então a gente buscava, ia buscar a criança, ver onde estava essa criança para ver que tipo de paralisia era e tudo. E isso muito, muito foi feito. O que a gente encontrava muito era paralisia facial, mas mesmo assim muitas delas tinham sido notificadas. E a gente levava, quando a gente ia ver essas crianças depois a gente levava a Patrícia, para a Patrícia para ver a seqüela que tinha. Era uma seqüela de pólio, não era... Essas... Tudo, tudo, tudo. Era muito, muito importante a participação da Patrícia que foi, te digo, e ela viajou por todos o país para ver os casos de paralisia plácida, não só os de pólio, os de pólio lógico, mas os de paralisia plácida todos ela via.

EM: Havia apoio de eletromiografia?

RC: Sim. Sim, sim. Eletromiografia nós tínhamos o doutor...

MC: Em outra entrevista temos... Agora não lembro...

RC: Ah sim. A gente comprou inclusive, importou dos Estados Unidos um eletromiograma pequeno para que ele pudesse levar e fazer eletromiografia nos outros departamentos a onde não se podia trazer a criança para ali. Mas todos a gente fazia eletromiografia em todos os pacientes. Isso foi muito, muito bom.

EM: Me diz uma coisa: O material coletado de fezes que era enviado para o Brasil... Levava muito tempo para chegar ao Brasil ou quando chegava na Fundação Oswaldo Cruz levava muito tempo para processar e mandar resultados. Dá uma idéia de como funcionava essa seqüência, essa rede entre Peru, o laboratório central lá do Peru enviando para a Fiocruz e o tempo de resposta.

RC: Só um pouquinho, só um pouquinho eu vou te dizer como funcionava isso.

EM: Situe, Situe, isso é importante para a gente entender.

RC: Eu vou te dizer como que funcionava isso. As amostras eram tiradas das crianças, as crianças estavam no interior, e vinha para o laboratório do INS, lá eles não faziam nada, só era guardado e muitas vezes... Só eram guardadas e depois eu ia lá ou o Jorge Medrano, ou o Zapata, ou a Mary, a gente ia, fazia a lista de todos que estavam lá porque eu tinha no computador o nome de todos eles com a lista de todos que tinham coletado a amostra, a primeira, a segunda, então eu fazia essa lista, eles iam lá para ver quais se tinham e a gente fazia lá na OPS mesmo que eu fazia. Porque isso foi uma segunda etapa, foi guardada. Eu tinha as geladeiras disponíveis só para as amostras nossas. Nós tínhamos a (TLAN), os refrigeradores só para as amostras, então tinha dois refrigeradores imensos que eram só para as amostras. A gente tirava as amostras botava nas caixas e direto para o aeroporto, imediatamente Varig e Fiocruz. Rio de Janeiro, para Fiocruz, para o Edson, (risos) e eu depois por telefone todo o tempo: “Edson, minhas amostras?” “Rosa, ainda não deu tempo.” Quando?” “Tal dia.” Então tal dia eu te ligo, tu me manda. Me manda ou me telefona”. Aí eu ligava ou ele me ligava: “Olha, já tenho as amostras”. Aí ele me dava por telefone ou me passava um fax, na época não era fax que se chamava, mas vinham os resultados.

EM: Vinha em tempo útil, que era recomendado ou havia um atraso muito grande. Como é que você percebeu? Foi algum período...

RC: Foi um período que tinha um pouco de atraso. Teve um período que sim tinha um pouco de atraso, mas depois teve outros períodos que não, muito... Que teve... Que vinha em tempo sim... Mas as amostras a gente era muito, muito... Responsáveis de mandar imediatamente as amostras. Eu me lembro que quando chegava às amostras a gente estava ali, mandava. Não importava se era só de um paciente, ou de dois pacientes, a gente mandava sempre. Mandava imediatamente que era para ter o resultado logo. Esse era o que nós mais queríamos.

DN: Qual foi o maior índice de cobertura que conseguiram, Rosa?

RC: Aí! 90 e...?

DN: Mais de 90%?

RC: Mais de 90, sim, mais de 90. Aí... 90 e...

MC: Como foi o processo da comissão de certificação?

RC: Comissão de Certificação? Primeiro nós tínhamos que designar um presidente da comissão que na nossa cabeça nós já sabíamos quem seria. Nossa cabeça digo: Na minha, na do meu grupo, e Miriam também, a Miriam Strull (**risos**) também tinha essa cabeça, e Patrícia também. Na nossa cabeça era a pessoa que deveria ser. E...

MC: Vir a quê?

RC: Que era... aí...

MC: Medrano, não?

RC: Não!

EM: Não, não. Medrano não podia.

RC: Não! Não era Medrano não.

EM: Não podia ser do grupo.

RC: Não podia ser, não podia ser do grupo. Não podia ser do grupo e não podia ser do ministério.

EM: Tinha que ser externo.

RC: Não podia ser do grupo e não podia ser do ministério.

EM: É, é. Tinha que ser externo, não podia ser comprometido.

RC: Agora era uma pessoa que sabia muito. Aí! (**suspiro**)

EM: Um peruano?

RC: Um peruano sim, um peruano.

EM: E a comissão nacional. Primeiro tinha a comissão nacional.

RC: Porque nós tínhamos a comissão nacional, nós tínhamos a comissão nacional de imunizações, não é? A comissão nacional ali, e ele fazia parte dessa comissão nacional.

MC: Um professor da universidade?

RC: Sim.

MC: Henrique Fernandes?

RC: Henrique Fernandes. Sobrenome?

MC: Henrique Fernandes, professor de **(inaudível)** Tem outro nome?

RC: Sim, o outro nome. Meu Deus, como que era! Ah! Bom...

MC: **(inaudível)**

RC: Não, provavelmente Medrano já tenha falado isso.

MC: Sim, sim, sim.

RC: Medrano tenha dito o sobrenome, eu é que não estou lembrando o apelido dele. Mas aí então íamos vendo todo os casos que tínhamos que apresentar, como tínhamos que fazer, como teríamos que... Todos, todos dos dados, todos, todos.

MC: 1992 e 93?

RC: Todos. Todos, todos.

MC: Em que anos 92 ou 93, foi esse trabalho...

RC: Nós fizemos de todo início. Todo, todo.

MC: E a comissão nacional... Que ano foi a comissão...

RC: A comissão nacional de certificação, foi em 1993.

MC : 93.

RC: 93 e 94 foi...

EM: E quantos membros tinham, quantas pessoas?

RC: Do quê?

EM: Estavam na comissão nacional?

RC: Não sei.

EM: Quantas pessoas.

RC: Quantas pessoas não me recordo. Quantas pessoas não me recordam, eram, nessa época...

EM: 8, ou 6?

RC: Devia ser 8, por aí, não me recordo porque era bastante.

EM: E que tipo de profissionais estavam envolvidos, eram médicos?

RC: Eram, alguns médicos, outros não. Médicos, tinham...

EM: De que especialidades?

RC: Tinha especialidade pediatria, especialidade neuro, de infecto... Neuro, infecto, pediatria, que mais?... Bom, estava Unicef, estavam todos os outros também. Quem mais...

EM: Epidemiologista?

RC: Epidemiologista sim, também tinha de epidemiologia.

EM: Não do ministério, de fora, de algumas universidades, alguma coisa.

RC: Sim, de Caetano?

EM: De Caetano.

RC: De Caetano?

EM: É.

RC: De Caetano tínhamos, porque nessa época... Sim, de Caetano tínhamos também de...

MC: De São Marcos.

RC: De São Marcos. Tínhamos de São Marcos.

EM: Qual foi o processo de trabalho do grupo para preparar todo o dossiê para a Comissão Nacional?

RC: Aí! Bom, buscamos desde 1985 todos os casos, e eu tinha toda... Em minha oficina, tu sabes, a minha oficina é uma loucura porque tinha uma parte toda com todo, todo, todo, todos os casos, isso foi uma coisa comigo, com todos nomes na época, todos que... Eu ficava com todos esses artigos na OPS, todinhos, que não mandava porque não tínhamos a (**nome**), nessa época não existia (**nome**), depois que se criou (**nome**), não é

que tinha espaços e tudo... Mas estava todo em minha oficina, todos, todos os casos. Então os casos todos eles tínhamos. E aí...

EM: Já revisados?

RC:: Revisados, já revisados, concluídos, então tínhamos que preparar os artigos, os mapas, tudo, tudo, tudo... Para que o presidente da comissão fosse... Porém, antes apresentamos ao ministro tudo que seria apresentado, o próprio presidente apresentou aos outros no Peru, e depois apresentou em Washington... Mas foi um trabalho intenso.

EM: E quantas pessoas estavam envolvidas nesse trabalho de fazer todas as previsões, de preparar esse material? Só do grupo de vocês ou vocês agregaram alguém mais para apoiar? Alguém, algum epidemiólogo, alguma coisa... Foram só vocês que fizeram toda essa... Isto tomou muito tempo?

RC: Sim, nos tomou, me tomou um montão de tempo. Sim, eu creio que sim, levamos alguém, não estou me recordando quem. Levamos sim, porque estava... Quem foi, não me recordo quem foi. Foi Helvécio [**NOME**], Helvécio esteve muito trabalhando conosco lá também. Fabinho também, mas Fabio foi antes, mas o Fabio foi antes da erradicação. O Fabio na erradicação ele estava em outro país, porque Fabio trabalhou muito conosco no Peru também.

DN: Qual era a situação em que outros consultores da OPS iam, se agregavam a equipe de lá?

RC: Era, nós chamávamos e Ciro [de Quadros] me perguntava: “Tu necessitas de alguém?” “Sim, manda-me alguém para estar aqui comigo para ajudar-me e tudo...” Então Ciro mandava os consultores a curto tempo. E aí então me mandou Fábio, me mandou o Eduardo [**Maranhão**], me mandou o Helvécio, Cássio, então iam e ficavam um tempo trabalhando conosco.

EM: O Cláudio também? O Cláudio (**Foguinho**)...

RC: (**Foguinho**) também.

EM: O Cláudio Silveira.

RC: Cláudio Silveira também. Não só Cláudio Silveira, também foi do CDC, o chefe atual dos programas de imunizações, John Andrews também foi ao Peru. John Andrews também foi ao Peru, e, tanto é que a última...

MC: Que ano foi?

RC: Que John foi?

MC: Sim. Aproximadamente.

RC: Sim, porque depois ele foi a... Foi nos anos...

MC: 1988?

RC: Foi nos anos 80 sim. 88 ou 89 por aí que John foi lá, tanto é que passamos no hospital aí sempre dizia: “Esse hospital eu visitei muito em busca de arquivo”. Dizia John porque ele foi lá, fazíamos busca de arquivos nos hospitais.

EM: Em 88 eu trabalhava junto no programa, deve ser na mesma época.

MC: E da comissão recorda ainda alguma anedota, alguma coisa que ocorreu, que seria interessante, algo emotivo, algo desagradável... **(risos)**

EM: Ou alguma situação que foi interessante?

RC: Da comissão?

EM: Algum tipo, alguma broma, alguma coisa... **(risos)**

RC: Ai...

MC: Uma pergunta, como foi que estiveste tanto tempo no Peru, porque os consultores da OPS tinham que mudar a cada 5 anos.

EM: Por que gastou tanto tempo. **(risos)**

RC: (risos) Bom, eu fiquei tanto tempo porque não me deixaram sair e porque eu não queria sair também, eram essas duas coisas. Uma porque não me deixavam sair, e outra porque eu queria ficar também.

MC: Não te deixavam sair... O Ministério da Saúde.

RC: O Ministério da Saúde e também eu não queria, então era por isso que eu me dava sempre mais e mais. Tanto é que uma vez me transferiram, Ciro chegou e falou assim: “Tens que ir para a Bolívia, eu vou te transferir para a Bolívia”. “Ah!” “Sim, eu vou te transferir para a Bolívia”. E como eu fazia a Bolívia também, não é? “Tal dia tu vais a Bolívia”. “Está bem”. Aí vimos tudo, porque eu tinha que ser transferida para a Bolívia. Eu só peguei a minha maleta, porque minha casa, meus filhos e tudo estavam no Peru e eu me fui. E aí disse: Bom, tu vais... Não, tu podes ir e tal, não sei o que... Aí eu fui, chego a Bolívia, estou trabalhando, e em 15 dias, o ministro já tinha falado com o Carlyle na época, e me trouxeram de volta. E me chama Ciro “Vais voltar porque Carlyle te chamou a Sotelo, que estava como representante em Bolívia. Aí ele: “Rosa não pode mudar-se, porque estão pedindo que ela regresse”. Bom, “está bem” então eu regressei, eu regressei ao Peru feliz porque tinha regressado...

MC:: Até que ano ficaste no Peru?

RC: Bom, eu fiquei no Peru até 1988. 88 porque... Fiz uma cirurgia... E quando regressei da cirurgia já estava decidido que eu ia me transferir e aí Ciro disse: “Tu terás que ser transferida para a Venezuela porque Airton...” Airton Fischmann, estava na Venezuela e aí Airton ia para o Brasil, retornar...

MC : E em que ano você foi a Venezuela?

RC: Em 1988...

MC: 88 ou 98?

RC: Não perdão, 98.

DN: Eu ia perguntar.

RC: Não, não, não. Não, perdão, 98, 98.

MC: Você ficou no Peru 12 anos.

RC: 12?

MC: Mais ou menos.

RC: 14 anos.

MC: 14 anos?

DN: 95...

RC: Para mim, para mim estou a 20 anos. **(risos)**

DN: O Rosa aqui no Brasil tanto nos dias nacionais de vacinação quanto depois na proposta de erradicação, houve reações visíveis, principalmente dos sanitaristas que defendiam a ação primária da saúde, a vacinação de rotina, o atendimento de rotina, lá no Peru teve isso, não?

RC: Não.

DN: Não houve nenhuma resistência? Alguma oposição...

RC: Não, na época que eu estive lá no Peru, na época que eu estive no Peru não tinha oposição nenhuma. A gente trabalhava muito bem com a parte da atenção primária, a gente trabalhava muito bem, tanto é que foi feito um estudo, o Ciro mandou fazer um

estudo por, não me lembro agora quem, e foi feito e foi visto que realmente o programa de imunizações inclusive contribuía para o resto da parte da atenção primária, sistema de saúde.

DN: Deve ter sido aquele...

EM: É, o relatório Taylor.

DN: O relatório Taylor?

RC: É, relatório Taylor, exatamente.

DN: Como é que vocês faziam exatamente a mobilização para isso, para as jornadas, para as campanhas dos programas de erradicação.

RC: Bom, continuávamos com as VANs e, além disso, se fazia os “varridos” cada caso notificado que se via, que poderia ser um caso de pólio, antes mesmo confirmado e que a Patrícia dizia assim, “Olha esses e esses têm tais e tais...” Porque a gente fazia as reuniões nossas, “Esse tem isso, isso e isso”. Então, saíamos imediatamente, fazíamos o varrido casa por casa, 4, 5 **mansanas** imensas, a gente fazia tudo para bloquear tudo aquilo, e, se vinha o resultado que era positivo se fazia em todo distrito, e nos outros distritos, quase em toda província se fazia “varrido”.

EM: E quando se movimentava a parte de mídia, de uso de rádio, televisão, jornais, como se articulava para fazer essa divulgação a nível nacional?

RC: Se fazia a nível nacional, se fazia a nível local, porque o quê se fazia muito a nível local, porque era o que mais dava, porque a televisão não chegava em todos os níveis. Então era muito por rádio e também nível local, nas escolas, nos comedores...

EM: Comedores populares...

RC: Comedores populares. A gente fazia muita, muita divulgação nos comedores populares. Com cartas, com palestras, com tudo, tudo... Era impressionante, era muito,

muito forte essa parte de mobilização, a Unicef, na parte de mobilização a Unicef apoiou muitíssimo. Realmente eu te digo a Unicef na parte de mobilização a gente se reunia e decidíamos, e a Unicef botava toda a equipe trabalhando para a jornada...

DN: A equipe da Unicef que fazia....

RC: Da Unicef que fazia a parte de divulgação, daí vinha, mostrava para nós, o ministério, tudo, tudo para ver se podia sair e assim foi. Tanto é que a que fez a primeira VAN, a parte da Unicef, estava lá na Unicef, contratada pela Unicef para fazer toda a parte da divulgação da VAN. Estava fazendo toda essa parte com os periódicos, com os jornais, com a televisão, com tudo, ela estava organizando tudo isso, e depois nós na OPS, precisávamos de uma pessoa, porque se precisa de uma pessoa e eu disse: Eu tenho uma pessoa que é a melhor pessoa para que esteja aqui na OPS trabalhando nisso, A **Jane Basques**, e ela foi contratada e está na OPS até hoje trabalhando nessa parte. É muito, muito boa a Jane, e a VAN tudo isso é ela que fazia sempre. E aí depois então ela com a Unicef, ela estando na OPS com a Unicef, a gente fazia conjunto todo para trabalhar, mas a Unicef foi, a parte de divulgação foi essencial, muito, muito boa.

EM: E como essa população, por exemplo, indígena, certos grupos populacionais, respondiam a essas solicitações, como se envolviam, que resistência houve no início, depois como se foi superando as resistências para que se chegasse a...

RC: Eu gostei de trabalhar com os grupos indígenas, realmente...

EM: É importante, um país que tem...

RC: Temos trabalhado muito com os indígenas, uma coisa linda, foi lindo! Me recordo de alguns fatos, realmente. Os indígenas nós tivemos que... Primeiro se buscava (**o Lapo**)

DN: Buscava?

RC: O chefe máximo dos indígenas – **o Lapo termo em referente ao chefe dos indígenas**) Então, era uma coisa linda, o chefe... E onde tínhamos que ir por barco, ele

ia de pé no barco e todos nós sentados porque quando se chegava na comunidade ele era o chefe, eles sabiam que ele estava chegando. **(Lapo)** tinha que ir de pé na canoa.... Era uma coisa linda! Mui, mui linda! Então se passava... E quando se estava revisando, Patrícia e nós falando, e Patrícia falava também, falava e tudo, e não deixavam as mulheres entrarem, eram só os homens, todos estavam ali falando, todos. E aí, por exemplo, “Eu não vou deixar que vacine meu filho”, um dos indígenas disse, falavam em Quéchuá.

EM: Em Quéchuá.

RC: Em Quéchuá, mas tínhamos um que falava em Quéchuá e em espanhol, eu naquela época sabia algumas palavras em Quéchuá, mas agora já me esqueci total. E ele disse assim: “Não vamos deixar... Não vou deixar vacinar a meus filhos”. E aí eu disse para ele: “Tem que deixar que vacine porque senão o seu filho vai adoecer assim, assim...” E tudo isso. E ele disse: “Não, não vou deixar que vacinem!” “Por que tu não queres deixar que vacine teu filho?” “Eu vou deixar você saber por quê? Vai buscar teu filho, busca teu filho!” Disse para outro indígena: “Busca teu filho para ver como foi quando ele tomou essa vacina”. Aí trouxeram o menino. “Veja, veja como ficou depois da vacina”. Mas não havia sido a vacina, era um mongol e não havia sido a vacina... E ele botava a culpa que tinha sido a vacina. E aí então a Patrícia foi e falou e disse: “Não, isso não é assim... Tal, tal e tal. E aí eles disseram: “Ah sim, mas então por que nós temos que vacinar, porque nós temos da vacinar nossos filhos se ele não vacina seus filhos?”, que era o vacinador que era indígena e não vacinava seus filhos. “Por que ele não vacina seus filhos? Por que ele não vacina seus filhos e nós temos que vacinar?” Aí foi todo um... Entre eles mesmos... Isso me recordo... Realmente foi incrível, mas bom...

DN: Conseguiram contornar isso?

RC: Sim, contornamos e depois íamos até as comunidades vacinar, era uma coisa linda. OH! e eles iam também levavam os termos, apoiavam, levavam os termos. Aí! Muito lindo sim. Viemos a vacinar os meninos, todos os meninos. Que maravilha!

EM: Houve diferença entre os grupos indígenas... Da Amazônia e o pessoal de área andina, porque são culturas completamente diferentes, nações distintas com

organizações distintas, visão de mundo distinta, viste alguma diferença na aceitação da vacina? Porque em geral os andinos são mais para dentro, mais fechados...

RC: Sim, são mais fechados, Mas...

EM: E parecem que estão mais, tem mais dúvida, mas temor das coisas, os outros são mais abertos, mais fáceis de... Se parece mais fácil de relação.

RC: Mas, depois você estando com eles é muito mais... Depois que você convive com eles, que você come a comida deles, me entende... Porque estás compartilhando com eles. E há realmente umas que são bem mais difíceis de...

FITA 2 – LADO B

EM: É diferente, é muito diferente do...

RC: É diferente, mas mesmo assim...

EM: São fechados, são... Essa coisa cultural...

RC: É diferente sim, mas o que se conseguia, me entende? Era mais difícil. Você ia, você falava. Mas se **Lapo**... Primeiro tinhas que convencer era o **Lapo** do lugar. Se tu convencias **Lapo**, aí sim, aí sim, aí tu conseguias tudo. Me entendes? Porque aí ele dizia: “Todos têm que vacinar”, e todos aceitavam. E tu falavas com eles e tudo era muito mais fácil. Iquitos, lógico, era bem... Era fácilimo. Iquitos nunca houve um problema, Iquitos, era super, super fácil. E eles vacinavam, e eles chamavam... “Aí, ele é muito pequenininho, que ela não quer trazer...” (**risos**) E aí vou eu explicar porquê. Porque ele é recém-nascido, ele é pequeno e teria que tomar as gotas, mas este não era todavia para estar exposto a tomar a vacina, então eles eram guardados, mas tinha que ir lá com ele, entrar na choça e vacinava.

EM: Vocês tinham algum apoio na área de antropologia, alguém da universidade que você pudesse consultar em alguns momentos para mirar... Era no início, como você poderia manejar cada grupo desse, cada coisa, ou não?

RC: Sim. Sim tínhamos. Agora não me recordo. Mas era o Fernandes. Fernandes era quem nos dava a dica de quem tínhamos que contatar. Eu me recordo. Fernandes ele nos dava muita... Ele sabia muito dessa parte, e nos orientava muito nesse sentido. Eu me recordo. E ele dizia: “Vamos falar com fulana, que ela sim vai dizer como é isso que você tem que estar assim, assim, onde você tem que entrar”. Sim tínhamos, tínhamos sim.

DN: Para facilitar o acesso a comunidade?

RC: A maneira como se tinha que falar, como se tinha que enfrentar essa parte... Foi muito bom.

MC: Conheceu Fujimori?

RC: Eu sim. Conheci Fujimori.

MC : Qual foi teu contato?

RC: Conheci Fujimori, fui beijar a mão de Fujimori nas festas patrióticas. Tínhamos que ir...

EM: Acreditava em Fujimori....

RC: Ele apoiou muito. Todos os ministros de saúde, eu posso falar de todos os ministros de toda a época que estive lá, porque os ministros ficavam em minha casa, muitas vezes fazíamos jantares... Quando o Ciro ia... Quando o Ciro ia ao Peru eu tinha que fazer um jantar em minha casa e ia o ministro, ia a minha casa. Sempre, sempre, sempre. Toda vez que o Ciro ia, eu tinha uma... Não só o ministro, mas o pessoal das agências, os chefes do programa de imunizações, sempre estavam... E Fujimori deu bastante apoio também, muito apoio, bastante apoio, ao programa de imunizações dos ministros dele.

MC: Em 94 era ministro onde, se lembra? Houve vários ministros...

RC: Sim, sim. Houve vários... Nessa época... Quando foi o último caso em 91...

MC: Era **(nome) Iamamoto**.

RC: **Iamamoto?**

MC: Foi **(nome) Iamamoto** e um que não era médico, que era do partido... Que apoiou muito. Agora não lembro o nome.

RC: Que estava em Lagraria, não é?

MC: Em Lagraria. Sim.

RC: Ele era de Lagraria. E eu o conheci antes de ser ministro, eu o conheci antes de ser ministro em Lagraria. Eu tenho uma foto dele, nós chegamos a Pitianaque... Sim, ele estava... E eu tinha tudo para trazer para vocês, mas depois posso mandar...

DN: Rosa, o último caso de pólio no Peru, foi um caso isolado, quer dizer, vocês já estavam com os casos zerados algum tempo e aí surgiu esse...

RC: Sim, sim. Foi, foi um caso...

DN: Foi notificado esse, ou vinha decrescendo.

RC: Não, vinha... Já estava... E não pensávamos que não vamos ter mais nenhum caso, tanto é que quando surgiu esse foi um baque... Porque não pensávamos mais que íamos ter um caso.

EM: Porém a enfermidade estava circulando.

RC: E aí então lá em Pitianaque, justo que surgiu ele... Mas depois fez uma busca ativa em toda a Pitianaque. Toda, toda, toda. Fez um varrido, fez busca ativa casa por casa para ver se encontrávamos outros casos e não...

DN: Existe alguma compreensão porque foi exatamente ali o último caso?

EM: A cobertura era baixa lá?

RC: Sim, sim.

EM: Essa era a realidade...

RC: A cobertura estava baixa em Pitianaque sim. A cobertura estava baixa sim.

EM: Como foi que você começou na capacitação quando começou o programa, como capacitastes as pessoas, como... Todas essas atividades de formação, capacitação de pessoal, em treinamento, como manejavam e que metodologia utilizavam para...

RC: O primeiro curso que fizemos, foi aqui no Rio de Janeiro, na Fiocruz que a gente trouxe de todos os países duas pessoas, o chefe de imunizações e o diretor de epidemiologia, para... E de todos os países, na Fiocruz, lembra? A gente fez o CBVE, lembra? Para todos, todos os países. E também a gente foi...

DN: Curso?

EM: Curso Básico de Vigilância. Em realidade se é testado o material do curso básico, para depois os epidemiólogos de outros países, o pessoal que era gerentes de programa... Os outros países pudessem validar.

RC: Exato.

EM: Aquele material como material bom para treinamento. Esse era no primeiro momento para que depois...

RC: E aí viemos e depois daquela situação toda tínhamos... Uma semana, não é? Ou 10 dias, não recordo, que fomos para um estado.

EM: Do Brasil.

RC: Do Brasil, com um grupo de diferentes países. Para mim me tocou naquela época o Peru... Essa foi a segunda etapa. Não, essa foi a segunda etapa quando fomos nos estados foi numa segunda etapa, não foi no primeiro momento. Não, esse foi que fomos trazidos e ficamos só na Fiocruz.

EM: Você estava falando do curso internacional .

RC: Internacional isso mesmo.

EM: Internacional da erradicação.

RC: Exato. Esse foi o primeiro e o fizemos só na Fiocruz. Aí regressamos ao Peru e houve a mudança de governo no Peru, porque nessa época aí... Não, já havia sido, já havia sido, já estava Davi.

EM: Davi Terrada

RC: Davi já estava. Davi já estava como ministro. Sim, Davi já estava como ministro e viu que era o chefe do programa de imunizações e Lucio Seminário. E tanto é que... E veio o Lucio também, porque disseram, é melhor levar o Lucio porque não temos um diretor de epidemiologia nesta época que fomos diretor de epidemiologia, então resolvemos que íamos levar Lucio e... E fizemos esse curso. Quando regressamos ao Peru, tínhamos trazido, tínhamos feito um curso com todos os departamentos, como os chefes de imunizações, e ele que ia se encarregar de epidemiologia, porque não tínhamos um diretor de epidemiologia em cada departamento.

DN: Em cada departamento tinha um chefe de imunizações?

RC: De imunizações.

DN: De epidemiologia não tinha.

RC: De epidemiologia não tinha. Era o mesmo que fazia as duas coisas, o mesmo fazia as duas coisas. Então fizemos esse primeiro curso. Fizemos esse, depois continuamos fazendo em cada departamento, íamos aos departamentos e fazíamos para o grupo do departamento, assim tínhamos feito em todo o departamento. E assim se continuou fazendo por todo tempo que eu estive lá no Peru. Se fazia a capacitação, trazíamos a Lima, fazíamos a capacitação com os chefes de imunizações, com os epidemiólogos e depois se fazia também nos departamentos. Às vezes juntavam dois, três departamentos juntos, como fazíamos muitas vezes, Arequipa, **Tacna...** Nós fazíamos juntos, não é... Assim se fazia e fazíamos para o pessoal. Cadeia de frios, nós fazíamos só para cadeia de frio. O curso do PAI muitas e muitas vezes fizemos. E quando íamos supervisionar, não era supervisionar para dizer: “Tu estas fazendo mal isso, isso, isso...” Não, era uma

capacitação em serviço. Sempre íamos e era capacitação em serviço. Não era uma supervisão: “Isso tu tens que fazer assim, assim”. Não, fazíamos uma capacitação em serviço...

DN: Para esses cursos de capacitação a OPS disponibilizou recurso?

RC: A OPS disponibilizou recurso que não eram da OPS, eram doados por USAID, e pelo Bird, na época, durante muitos anos tínhamos a USAID e Bird, depois o Bird não nos deu mais dinheiro e aí só tínhamos USAID... E OPS.

EM: A OPS administrativa.

RC: Porque... A OPS administrativa, a OPS administrativa os recursos, mas a OPS também tinha, os fundos da OPS, também tinha. Porque Washington me mandava fundos que eu executasse fundos da OPS. Então era de duas partes, da USAID para mim e OPS para capacitar como todo. Como no plano de ação já botávamos... Um ano antes já botávamos para o outro ano: Vamos precisar de dinheiro tanto para capacitação, ou para supervisão, ou para vacinação. Tudo, tudo estava no plano de ação, e quem ia dar o dinheiro.

DN: Em algum momento faltou recurso, não?

RC: Faltou recurso. Me faltou recursos, porque essas seis pessoas que eu tinha contratado. E na realidade eu tinha seis pessoas e tinha mais, porque tinha também duas pessoas contratadas para o ministério. Estavam dentro do ministério, duas pessoas contratadas. Tinha seis médicos consultores nacionais e tinha Patrícia. Tinha mais gente, não é? E também necessitávamos em um momento... No final, eu não tinha mais dinheiro para atender todos os seis médicos. O Ciro me chama e fala: “Rosa, não tenho mais dinheiro”. Porque antes, sempre o dinheiro dos consultores nacionais era Ciro que me dava de Washington, me mandava o dinheiro para que eu contratasse os consultores nacionais. E eu tinha que... E eu fiz os contratos com os consultores nacionais e eu também fiz o seguro deles, porque eles viajavam pelos lugares, eles tinham aquele seguro. Então eu fiz o seguro com o Gustavo Gross que trabalhava nessa parte dos seguros. E aí, fiz um seguro bom para eles, porque tinham que ter um seguro forte, e

Ciro dizia: “Tudo isso Rosa?” “Sim, isso.” E aí convenci a Ciro que tínhamos, e Ciro também estava de acordo e me deu o dinheiro para contratá-lo e fazer o seguro. Fizemos isso vários, vários e vários anos. Mas nos anos 1990, já não tínhamos mais dinheiro para estar com toda a equipe, mas necessitávamos da equipe. Então eu disse: “Bom, eu já sei aonde vou pedir, o que vou fazer”. E na minha cabeça já tinha onde e como fazer. E fui. Fui ao representante da Unicef. Fui, a ele e disse: “Olha, estou com um problema”. “Que problema tens?”. “Assim, assim e assim... Tu tens que me apoiar, porque tu tens fulano que é contratado aí, fazendo todo o trabalho e eu quero que ti me apóies”. “Sim, Rosa, é importante. Quanto tu necessitas”. “Bom, diga quanto que tu me dás porque eu tenho que pedir a outro. Tu me dás o que eu necessito?” “Quanto tu necessitas?” “Eu necessito três” “Esta bem, eu te dou os três”. A Unicef me pagou três. E Ciro me pagou os outros três, então a Unicef me passava o dinheiro. A Unicef me passava o dinheiro da OPS para que eu pagasse a eles. Eles eram contratados da OPS, mas com o dinheiro da Unicef. Então a Unicef e a OPS por um tempo. Por um ano, que aí era um ano inteiro. E no outro ano eu teria que buscar dinheiro para continuar com vocês. E aí, eu fui a USAID e nessa época quem estava na USAID, Lucio Seminário...

MC: Eu já estava lá.

RC: Sim, eu sei. Eu sei. **(risos)** E aí então consegui que a USAID me apoiasse e Unicef também.

EM: Qual a participação da seguridade social, o sistema lá de seguridade social...

RC: Já te digo, deixe-me só terminar essa parte.

EM: Na imunização, acabe isto.... Não, não. Acabe o que tu estas falando, depois fale da seguridade social, porque senão nós não ouviremos desse tema importante.

RC: Está bem. Bom, aí então foi a Unicef, Ciro me mandou o dinheiro, e a USAID e foi com o que contratamos os outros consultores.

DN: Os outros anos? O primeiro ano você tinha a Unicef.

RC: Não, não primeiro ano não, anos e anos e anos. Nos anos 80 foi só OPS.

DN: Só OPS.

RC: Anos 90 também. Quando eu tive dificuldades, daí a Unicef me passou dinheiro e aí a USAID também. E depois eu já estava quase por sair, já estava... Já estava basicamente saindo do Peru, e eu já não tinha mais dinheiro para o próximo ano. E daí foi que, nós tivemos que diminuir o grupo, para o outro ano. Tínhamos que diminuir o grupo porque não tinha mais dinheiro para continuar.

DN: E quem ficou?

RC: Porque a USAID não tinha mais dinheiro... Bom, o Jorge Medrano tinha saído com consultor a curto prazo da OPS, foi para o Paraguai, para a Colômbia. Não... República Dominicana. República Dominicana, o [Jorge] Zapata também, eu levei ele comigo para a Venezuela. Também tinha ido a Bolívia. Eu tinha ido a Bolívia, e daí ficou o Toledo e a Mary. E eu quando sai para ser operada, eu deixei a Mary no meu lugar. A Mary ficou no meu lugar lá na OPS, ela ficou...

EM: Respondendo.

RC: Respondendo.

EM: Respondendo pela parte da OPS.

RC: E depois veio, quando eu fui operada, quando eu voltei aí veio o **Landeverd**. Aí quando eu voltei da minha cirurgia toda, aí eu já estava por sair então veio o Landeverd. E daí decidiram que ia ficar, naquele período ia ficar o Toledo. E só foi contratado o Toledo porque não tinha mais dinheiro.

EM: E Carlos Castilho, que passou e depois...?

RC: O Carlos Castilho foi muito antes. Não, esse foi muito antes. Carlos Castilho foi antes, porque a gente botou outra pessoa no lugar do Carlos Castilho.

EM: Foi você que botou o Carlos Castilho em Washington.

RC: Foi. Não, antes de ir para Washington ele foi para outro lugar. Primeiro ele foi fazer o curso de um ano lá em Washington. Esteve lá como Saúde Internacional, foi lá em Washington, daí depois ele voltou, continuou como consultor nacional e daí o Ciro me telefona e diz: “Olha, estou precisando de um consultor, a curto prazo para ir a... Honduras?”

EM: Honduras.

RC: Honduras. “E quem tu achas que devo... Porque aqui o **João Marques**, a gente está pensando que podia ser o Carlos Castilho que veio aqui, a gente gostou muito dele, trabalho...” “Tudo bem, o Carlos é muito bom, pode ser o Carlos. Vai o Carlos. Vai o Carlos sim, o Carlos está ótimo. Carlos, o Carlos é a pessoa que deve ir”. Porque inclusive ele tinha feito o curso lá e tudo. Eu digo: “Carlos”. Tá, Carlos vai. Aí depois o Ciro transferiu ele para a Nicarágua, e um dia o Ciro me liga e diz: “Rosa, eu estou pensando de... Daí ele já estava como... Eu estou pensando em trazer o Carlos para Washington”. Eu digo: “É a melhor coisa que tu podes fazer. Primeiro porque ele é um bom técnico, é uma boa pessoa, é amigo, é inteligente, vai te acompanhar, e é muito bom. Leva o Carlos, leva o Carlos”. “Você tem certeza?” “Absoluta certeza. Leva ele para lá que tu não vai te arrepender” Aí levou o Carlos para lá.

EM: É, eu falei do Carlos Castilho porque nós não tivemos a oportunidade de entrevistá-lo...

RC: Não!?

EM: Não, porque...

RC: Tu tens que sempre... Carlos tem que ser entrevistado, pelo amor de Deus. Não, o Carlos é importantíssimo, eu conheci o Carlos...

EM: Gostaria que você falasse um pouco que viveu essa experiência também.

RC: Não, eu conheci o Carlos, em Iquitos. E eu que o contratou, porque eu conheci o Carlos em Iquitos e ele estava no hospital, lá de Iquitos e manejando a parte do programa de imunizações lá de Iquitos. Ah, e, ele era muito bom! Muito, muito bom! E tanto é que eu fiz a proposta para ele ser meu consultor nacional e ele aceitou. Não, muito, muito bom. O Carlos é excelente.

EM: E entra agora na questão da seguridade social, qual é a participação disso no Peru. Situa como que ela é e como se organizava.

RC: Deixe-me voltar para a seguridade social do Peru... A época não tinha muito problema com seguridade social, a gente ia, eu me lembro que nós íamos nos hospitais da seguridade social, a gente trabalhava junto, o pessoal trabalhava junto, e se vacinava, se fazia a vigilância e não tinha grandes....

EM: Como se coordenava com o ministério e com a OPS, a seguridade social?

RC: Junto na comissão.

EM: Ah, fazia parte da comissão?

RC: Da comissão.

EM: Do CCI.

RC: É. Fazia parte da comissão, o seguro social, porque o seguro social era algo do próprio governo, quer dizer, era tudo. Estava ali, ele fazia parte.

EM: E eles vacinavam só...

RC: E eles tinham dentro dos hospitais tinha um centro de vacinação e tudo. Tinha um centro de vacinação nos hospitais.

EM: E a cobertura da seguridade social nessa época era grande, representava o quê?

RC: Teve uma época... Teve uma época que essa cobertura da seguridade social não estava incluído no programa de imunizações. Teve uma época que não estava incluída. Que a seguridade social tinha seus registros, mas não estava dentro do programa de imunizações como a nível nacional era o programa de imunizações, não estava essa cobertura. Os níveis vacinais não estavam, mas depois sim.

EM: Então eles vacinavam sozinhos e compravam vacinas por conta própria?

RC: Sim, depois teve uma época, teve uma época que daí depois a gente foi, falou que as vacinas eram dadas do Ministério da Saúde e a gente pegou toda a parte de... Assim como muitos privados, muitos pediatras privados a gente também conseguiu. Assim foi também em Arequipa também, por dizer Arequipa também. A Mary trabalhou muito nesse sentido de conseguir que os privados notificassem e as coberturas, o que foi vacinado, porque inclusive a gente dava vacina, e eles... Que não podiam cobrar, não cobravam, vacinavam e passavam a cobertura, os meninos vacinados para o ministério...

EM: E, como... Como... Daqui a pouco me recordo!

RC: Que mais? O que mais vocês querem perguntar que eu lembre?

EM: A gente podia fazer uma coisa que a gente na realidade fez no início, eu queria que você desse a sua história de vida, mesmo que...

RC: Não, vamos primeiro falar do Peru.

EM: Do Peru, mas a gente não falou....

RC: A gente falou, a gente falou no início.

EM: Pegamos já de uma certa parte. O Marcos perguntou, mas perguntou de um momento, não é? Então eu queria saber como nasceu, quantos irmãos tem, como é que era... Morava aonde, essas coisas importantes da tua história de vida. É bom a gente ter isso, isso tudo tem haver com...

DN: Por que foi fazer enfermagem...?

EM: Porque você chegou em enfermagem... Essas coisas que foram te dirigindo...

DN: Na sua família tinha alguém da área da saúde?

EM: É, como é que você se despertou por essa área, tudo isso.

RC: Bom, eu nasci... Em um lugarzinho pequenininho.

DN: Não tem no mapa. **(risos)**

RC: Não tem no mapa. Não tem no mapa, onde eu nasci. Agora eu não sei se tem, não é? Não tinha no mapa, e...

EM: Como era o nome?

RC: O nome da localidade?

EM: É.

RC: Era pequenininha, pequenininha, era Riozinho.

EM: Riozinho?

RC: Riozinho.

EM: Era bem pequenininho. **(risos)**

RC: Era bem pequenininho, era um riozinho, era super pequeno, tá? A minha família...

MC: Onde é que fica? Em que estado?

RC: No Rio Grande do Sul, eu sou do Rio Grande do Sul, a minha família tinha casa, em Taquara...

DN: Taquara é Rio Grande do Sul?

RC: Taquara é Rio Grande do Sul.

DN: Já é uma cidade maior?

RC: Taquara é grande. Uma cidade grande que na época não era tão grande, mas era uma cidade grande, que depois vinha Rolante.

EM: Rolante.

RC: Que é uma cidade maior. E depois vinha Riozinho, que era onde a minha avó tinha casa, a fazenda. Eu sou campesina, nós tínhamos lá. Lá que eu nasci, muita terra, muito campo, muita uva plantada... Aí!

EM: Você é de origem italiana?

RC: Sou de origem italiana.

EM: Então situa a tua origem aí, italiana.

RC: Minha mãe, minha avó veio da Itália, a minha mãe... Minha mãe casou, com o meu pai, me pai é de origem inglesa do Welles. E, nasci, nascemos, minha irmã, que é 8 anos mais velha do que eu, meu irmão, que é dois anos mais velho do que eu, e eu sou o bebê. A minha mãe morreu quando eu tinha 9 anos de idade... E fui criada pela minha avó, pelos meus avós maternos.

DN: Em Riozinho?

RC: Em Riozinho. Em Riozinho e em Taquara, mas mais em Riozinho. A minha irmã que era mais velha ficava muito mais em Taquara porque tinha que estudar, e eu e meu

irmão lá em Riozinho. E depois saí, vim estudar, eu estudava em Rolante, lá já tinha tudo, ia e vinha...

EM: Quantas horas?

RC: Rolante?

EM: É.

RC: Ah pertíssimo! É perto, é 1 hora, meia hora. Meia hora de casa. Não lembro, eu acho que era meia hora, a gente ia e vinha, da aula. Ia e vinha, eu e meu irmão. Aí estudamos em Rolante. Tanto é que, não tinha isso, mas depois, aí a minha avó deu o terreno para construir a escola.

DN: Em Riozinho?

RC: Em Riozinho, ela deu o terreno, construíram a escola. Já tinha dado terreno para fazer a igreja. Porque a primeira coisa que surgiu foi a igreja, e deram um terreno para escola, não tinha escola. Nos 100 anos da escola eu fui, e eu já estava lá no Peru, já estava lá no Peru, mas eu fui. Mas saí de lá, aí fui estudar, estudei em Taquara, depois eu vim a Porto Alegre para fazer o científico, porque eu não queria... A minha irmã fez normal, a escola normal para professora. Eu não quis normal, fiz o científico. Quero científico. “Por quê?” Porque eu queria medicina. Então vim a Porto Alegre. A minha irmã já estava morando em Porto Alegre, já estava casada morando em Porto Alegre, então eu fui para a casa dela em Porto Alegre. Morei com ela, a minha irmã, e fui estudando.

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
Projeto A erradicação da poliomielite – uma história comparada:
Brasil e Peru
Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite**

ROSA MARIA WELLES CARDOSO
(Depoimento)

A Citação deve ser textual com indicação de fonte:

Cardoso, Rosa Maria Welles. Depoimento. *Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/Departamento de Pesquisa/Departamento de Arquivo e Documentação, 2005.

Fundação Oswaldo Cruz

Casa de Oswaldo Cruz

Projeto: A erradicação da poliomielite – uma história comparada: Brasil e Peru.

Acervo de Depoimentos Orais Memória da Poliomielite

Entrevistado: Rosa Maria Welles Cardoso (RC)

Entrevistadoras: Dilene Raimundo Nascimento (DN), Eduardo Maranhão (EM), Marcos Cueto (MC) e Deepak Sobti (DS)

Transcritor: ?

Conferências de fidelidade: 1º Evelyn Morgan Monteiro

Data: 23 de junho de 2005

Local: Rio de Janeiro / RJ

Fita 3/3

Legenda:

- *Itálico*: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;
- []: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

FITA 3

LADO A

RC: Não sei nem onde eu estou...

DN: Você estava em Porto Alegre...

EM: Você estava chegando a Porto Alegre para estudar.

RC: É, eu cheguei em porto alegre, fiz científico, terminando o científico fui fazer vestibular e rodei para medicina, fiz na UFRGS. As vagas eram mínimas na época.

MC : Era Universidade...

RC: Era Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E não passei... E aí, eu me inscrevi para medicina - porque podia fazer outras, aí me inscrevi para medicina e para enfermagem. Não passei em medicina porque as vagas de medicina eram....

EM: Como que era?

RC: Eram quinze vagas... Era uma coisa incrível. Bom, eu passei em enfermagem. Então fui estudar enfermagem. Aí estudei enfermagem, gostei. Fui para os hospitais, fazia o trabalho, fazíamos muita a parte técnica nos estudos. Todos os estudos em enfermagem eram na faculdade de medicina porque tínhamos classes junto com o estudante de medicina. Toda a parte de anatomia, toda a parte do início, dos primeiros anos eram os estudantes de medicina e de enfermagem, porque era, muito poucos, então o professor dava microbiologia, bioquímica, biofísica, tudo era ali mesmo. Muitos porque era na mesma universidade, os mesmos professores, faziam todos. E assim foi. Terminei enfermagem e aí depois comecei a trabalhar em hospital. O primeiro hospital foi o Ernesto Dorneles que é um hospital do estado. O Ernesto Dorneles é hospital do estado, porque Ernesto eram os funcionários do estado que iam trabalhar. Eu comecei a trabalhar aí e depois... Bem, conheci meu esposo, me casei e fui viver no interior do país de onde era meu esposo.

DN: De que cidade?

RC: Pelotas.

EM: Pelotas.

DN: Pelotas já é uma cidade grande.

EM: É uma cidade grande. Hoje em dia é.

RC: Pelotas é uma cidade igual à Taquara. Aí fui viver em Pelotas, me casei e fui para lá. Então, lá, foi que entrei na universidade para fazer bioquímica porque meu esposo não me deixava trabalhar. “Imagina! como que vás trabalhar!?! Não, não, e não”. Porque os pelotenses são muitos...

EM: Era bem machão gaúcho?

RC: Muito, matcho, matcho... **(risos)** Sempre de corvata. Sempre corvata. Essas coisas... **(risos)** Aí estudei. Minha filha mais velha nasceu lá, e nós ficamos um período lá e depois viemos a Porto Alegre. Viemos a Porto Alegre e eu imediatamente, uma semana que em Porto Alegre já estava trabalhando. Onde estava trabalhando? Em hospital de Meninos... Hospital da Criança Santo Antônio. Anos trabalhei. Anos trabalhei, muito.

EM: Pertencia a secretaria estadual ou municipal?

RC: Não.

EM: Particular? Privado?

RC: Não. Deixe-me pensar de quem era o hospital da criança... **(risos)** Era do estado.

EM: Do estado?

RC: Do estado, era do estado, o hospital da criança era do estado. Aí trabalhei anos no hospital da criança e aí precisava outro trabalho, outro hospital.

DN: Isso foi em que período?

RC: Daí foi de novo para o Hospital Ernesto Dorneles e trabalhava nos dois.

DN: Trabalhando no hospital das crianças?

RC: Não lembro. Os anos eu não me lembro.

DN: Bom, você viu poliomielite lá?

RC: Eu vi muito. Aí Deus meu, quantos! Muitos e muitos e muitos e muitos no hospital.

EM: Foi na década de 70 isso, não é? Não dá para precisar aí...

RC: Deixe-me ver. No hospital das crianças muitos casos, muitos. E nós tínhamos uma sala de vacina nós o hospital da criança, sim senhora, tinha. No Santo Antônio, nem chamava Hospital... Falava Santo Antônio, Santo Antônio. Trabalhei muito tempo lá. E depois fui para IPB.

MC: O que IPB?

RC: IPB, Instituto de Pesquisa Biológica do Estado. Fui para lá e depois fui para a secretaria e começou a minha vida...

DN: De epidemióloga.

RC: De epidemióloga.

EM: É, de departamento...

RC: E daí eu fui para o Peru. Mas era uma coisa linda porque lá nós tínhamos as crianças... Chegou o momento que eu que dirigia todo o programa de imunizações da secretaria. Eu era chefe do programa de imunizações da secretaria. Então, a gente tinha, nessa época nós tínhamos as crianças... Era computadorizado, tudo computadorizado - o nome da criança, nome da criança, a dose que tomou, tudo, tudo, tudo. E daí depois quanto estava em falta a vacinação ia com um rádio, como que era esse impresso que a gente fazia?

DN: Telegrama.

RC: É, um telegrama impresso. E a gente mandava dizendo: “A senhora, por favor, comparecer ao Centro de Saúde assim, assim, assim”.

MC: E, na tua opinião o teu trabalho geral quais são as semelhanças e as diferenças entre o Peru e o Brasil. Em termos de trabalho ou em geral, em saúde pública ou na cultura se queres...

RC: Bom, no trabalho. No Peru, eu pude trabalhar, e trabalhar bem. Não é temido ter assim um empecilho. Eu teria que fazer algo e tínhamos que fazer para o ministério, que não íamos poder fazer.. Todos podíamos fazer o que queríamos... Lutávamos e fazíamos, conseguíamos fazer. Era algo que não... Não sei, sempre conseguíamos fazer o que necessitávamos. Com Sendero, sem Sendero, tudo, tudo, tudo, podemos vacinar e nunca...

DN: Com facilidade?

RC: Com facilidade, sem facilidade, mas fazíamos. Havia dificuldades, mas ultrapassamos as dificuldades e trabalhávamos e cumpríamos as metas que havíamos proposto. E, no Brasil era diferente, porque Rio Grande do Sul tu trabalhavas, era o estado, tínhamos aí... E tínhamos os epidemiólogos que eram os...

EM: Por unidade de vigilância?

RC: Não. Não, não, não. Lá na secretaria tínhamos, e trabalhávamos bem, e nos estados e... Como é que chama.

EM: Nos municípios.

RC: Não, não eram os municípios. Antes dos municípios tem o...

EM: Distritos?

RC: Não! Antes de distrito, antes de município tem... Como se chama?

DN: Bairro?

RC: Não, não.

EM: Não, não, não, pela escala seria...

RC: É o estado...

DN: E o município, não tem outra coisa.

EM: Não sei como o Rio Grande do Sul se... regiões. As regiões de saúde?

RC: É. É.

EM: Chamados de regiões?

DN: Região Administrativa?

RC: É.

EM: Geralmente os estados dividem as suas regiões de saúde. Eram regiões de saúde. Regionais. Eram as regionais.

RC: É, eram os regionais. E nós tínhamos. Em cada um desses regionais, em cada uma dessas coisas tinha... ué! Em cada... Em cada município grande tinha um responsável por epidemiologia. Tinha um responsável por epidemiologia e eles, sempre a gente a gente estava em contato... Eles pertenciam a Divisão de Epidemiologia, eles pertenciam a epidemiologia, pertenciam a nós, então a gente trabalhava e tinha que ir, trabalhava... Por isso quando eu cheguei ao Peru, eu não tinha o problema que eu tinha que viajar. Não, eu viajava mesmo, porque eu gostava de trabalhar com o pessoal do interior, eu viajava, trabalhava e nunca tive problema nenhum.

EM: Já tinha essa rotina.

RC: Já tinha uma rotina desde lá do Rio Grande do Sul que a gente fazia isso. Então não tinha problema.

DN: Você pegou ainda no Rio Grande do Sul, o período ainda que eles criaram, os agentes de epidemiologia?

RC: Isso, os agentes de epidemiologia. Eram os agentes... Era isso. Eu não me lembrava o nome que a gente dava, mas não era agente, tinha outro nome, não era agente. Eu agora não estou lembrando o nome, mas eram eles. A gente fez a... Capacitou... Não era agente não. a gente capacitou. Lindo! Inclusive a gente se reúne. Nós ainda nos reunimos pro almoço de fim de ano com a nossa equipe de epidemiologia, (**nome**) que está sendo a nossa secretaria, e eles, muitos deles vêm para se reunir conosco. Também é muito lindo.

EM: Isso foi naquele momento que a...

RC: Era tudo Fundação SESP.

EM: Tudo Fundação SESP, mas a vigilância epidemiológica no Brasil, o exemplo era o Rio Grande do Sul era o modelo.

RC: Exato, é. exatamente. Foi nessa época.

DN: Eles criaram esse sistema.

RC: Foi nessa época, foi nessa época que eu estou te falando. Quer dizer, foi nessa época que eu trabalhei. E essa época, foi o que nós tínhamos... Nós éramos tudo Fundação Sesp, todos. Todos nós éramos sespianos.

EM: Qual era o grupo que trabalhava com você? O Clovis Tigre?

RC: Clovis Tigre, Marlon Libeo, Roberto Becker, Fiúza.

EM: Fiúza.

RC: Eu.

EM: Você.

RC: E eu. Bom, o Airton [Fischmann]. Depois o Airton saiu, o Airton também e o Cláudio [da Silveira] também mas depois eles foram para outras posições, o Airton foi para a Escola Nacional de Saúde Pública e o Cláudio... Não, o Cláudio foi para o IPBE. Era o grupo nosso que trabalhava e depois...

DN: E você estava falando que no Peru era mais fácil.

RC: Não, não era mais fácil, eu digo que...

DN: Não, ou melhor, conseguia tudo que vocês...

RC: Era a mesma coisa, eu consegui tudo, era a mesma coisa que o Rio Grande do Sul. Quer dizer, eu não via diferença no meu trabalho que eu tinha que fazer... A não ser a diferença no meu trabalho que eu tinha que fazer no Rio Grande do Sul para o Peru, é que eu era uma consultora internacional, então eu tinha que dar o... Lá para Washington, mas eu tinha que ser... Eu não era uma internacional, para mim eu era uma peruana a mais trabalhando, era um Ministério da Saúde a mais trabalhando. Porque eu me pus como: "Eu sou do ministério". Tu lembra, não é? Era assim, eu era do Ministério da

Saúde, não era OPS, OPS. Não, era do ministério, eu trabalhava e assim foi. Na vida pessoal, como eu já tinha dito antes, eu fui muito, muito bem recebida no Peru e tenho um carinho muito grande, gosto muito deles, tenho bons amigos, boas amigas. Olha, eu te digo: Realmente eu não tive nenhum problema na vida pessoal, problemas lá no Peru. Nunca. Nem os meus filhos. Os meus filhos tiveram bons amigos e têm bons amigos e continuam tendo. O meu filho todos os anos vai, fim de ano vai de férias para lá.

EM: Vai surfar, vai surfar.

RC: Vai surfar lá no Peru. A minha filha se casou e vive lá no Peru, e a minha outra filha também que é casada sempre vai visitar. Realmente nós temos uma união muito, muito grande no Peru. Eu tenho meus amigos, minhas amigas lá e sempre que posso eu vou ao Peru, é a minha terra, sempre digo isso... Bom, eu tenho o meu passaporte... Ele que tem... Eu tenho o passaporte da equipe. Tanto é que eu chego lá eles nem... Mudou. O aeroporto mudou cada vez que eu chego fico encantada: “Ah mudou o aeroporto! E fico: “Como está lindo! Tudo, tudo...” Agora eu sofria muito era cada casa que botavam à baixo e construía um difícil; “Ah... Onde está as casas lindas!?”

EM: Vamos pedir um pisco (**sauer**) e uma (**cerveja, agora....INAUDIVEL**) Se come bem no Peru, se come muito bem. Eu penso que dos sítios em América não há nenhum com há em Peru, as tifa...

RC: Não há, não há. Eu te digo: Não há. Só no Peru. **El Tifa?** É só no Peru.

MC: (**inaudível**) comida peruana.

EM: Trabalhamos... Mas desfrutamos muito lá em Lima.

RC: Que maravilha, a rosa náutica.

EM: Rosa Náutica, sim...

RC: Não... E Lima está lindo, está lindo! E eu te digo uma coisa, quando chegaram alguns amigos meus brasileiros que foram trabalhar lá na OPS com suas esposas, eles

diziam: “Que horror! Como se pode manter essa imundice aqui?” Isso não é imundice... Isto está lindo, limpo. Vocês não podem falar assim, vocês têm que valorizar o Peru. Primeiro porque deixaram que vocês viessem trabalhar aqui. Então, se teu esposo está trabalhando aqui você tem que agradecer a eles que deixaram vocês trabalharem aqui”. Eu sempre dizia aos meus colegas brasileiros. É lógico, não a eles, as mulheres que reclamavam. “Ah, mas que ? Imundice!” “Que imundice nada! Está limpo, é limpo”.

EM: Parece que nós, não tem nem... **(risos)**

RC: Eu cansei de dizer. Também imagina! Eu reclamava... Eu brigava com elas. Lógico! Como? Nós estamos super, super bem... É lindo!

DN: Mas Rosa em relação as diferenças entre Brasil e o Peru, você apontaria mais alguma diferença entre o Brasil e o Peru? É, no processo mesmo da erradicação da pólio.

RC: Processo de erradicação da pólio...

MC: Sempre dizem que o Peru... A diferença é que o Peru é um país unitário.

RC: Sim, isso que eu estava pensando.

MC: E também, apesar disso o Ministério está separado do laboratório, do departamento de saúde, do...

RC: Bom, na época que eu trabalhei lá no laboratório, o problema era que o laboratório não podia, era Fiocruz. Não podia fazer, porque tínhamos levado vários consultores para... Principalmente era um que ia para ver se podia fazer as amostras lá. Porém não se pode. Depois que reformaram o Instituto **(nome)** lá, está lindo. Obviamente está lindo. Realmente o instituto está muito bem, muito, muito bem. Porque nessa época não existia, não é? Existia o Instituto, continuava, porém não tinha a estrutura que tem agora. Então essa uma das dificuldades, mas não foi uma dificuldade para nós porque mandávamos as amostras para a Fiocruz. E eu tinha todo... Com o **Edson** “Manda-me o resultado das amostras rápido”. E me mandavam. Não podiam fazer mais porque não... E eu mandava seis contatos de cada paciente. Seis. O mínimo era seis, mas nós mandávamos muito,

muito mais. Mandávamos... Muitos, muitos mais contatos... E muitas amostras. Mandávamos todas as amostras que necessitava. Então Edson lidava com quantidade e quantidade de amostras. E esse alguém pode ter dito que era uma dificuldade não ter nem laboratório, porém eu não vi dificuldade.

MC: Tinha que aproveitar os recursos dos países vizinhos para...

RC: Sim, porque não tínhamos, não era possível estarmos com... Fazermos todas as amostras lá no Peru, não era possível, mas a Fiocruz podia. Então mandávamos todos para cá. Eu não vi que foi uma dificuldade assim para o trabalho nosso. Eu creio que poderia ter sido, mas não, conseguimos superar essa parte. E isso do país ser unitário foi uma vantagem incrível, para nós foi muito bom. No Brasil temos que estar com todos os governadores e todos...

EM: Os governadores de lá são indicados pela Presidente da República.

MC: Sim, mas não tem muita importância.

RC: E os prefeitos... Os prefeitos nós íamos falar com eles, e falávamos e eles estavam integrados também. Eu estou tentando ver as dificuldades, as diferenças... Eu não consigo ver.

EM: Bom, essas são diferenças. O (confuso... inaudível) é mais direto, menos... Você tem que negociar menos.

RC: Sim, sim.

EM: Lá tem que negociar, mas é menor a negociação.

RC: Sim. E se criou a (nome) porque não tínhamos, já estava na erradicação. Já havia tido os casos de 91 quando se criou a (nome), mas eu vi problema que a (nome) saísse de dentro do ministério. Um dos problemas – Agora sim me recordei. Um dos problemas que vi que foi neste momento, que nem foi problema, porque a pessoa que estava aí era excelente, não houve problema – que foi que o programa de imunizações

saiu da epidemiologia e foi para materno infantil. Isso foi um pequeno problema, mas não foi problema, porque imunização se manejava só a nível de ministro sempre. Quando tínhamos problemas, ao ministro. Não houve, no momento que eu estava lá não teve problema porque passou a... Não era materno infantil era outro nome.

MC: Saúde Materno Infantil, havia...

RC: Não, havia. Mas não era...

MC: Direção Federal de Saúde...

RC: Direção?

MC : Federal de Saúde.

RC: Isso, passou de epidemiologia para Direção Federal de Saúde. E na Direção Federal de Saúde estava um bom diretor aí não tivemos problemas.

EM: Mas quando ligaste você... **(inaudível)**

RC: Não, essa foi uma diferença...

EM: Está gravando?

DN: Está gravando.

EM: Que era do lado da imunização, da epidemiologia.

RC: Não, não era. Não, não, não. Quando eu cheguei do Peru, imunizações como eu disse antes no início da nossa gravação, imunizações estavam dentro de epidemiologia, junto com a epidemiologia. Era todo o mesmo. Imunizações e epidemiologia estavam juntos.

EM: E quando foi que mudou para... Quando que teve a mudança?

RC: Muito tempo depois, muitos anos depois já.

DN: Depois da erradicação já, da certificação?

RC: Não, quando foi a certificação da erradicação já estava na Direção... Não, não foi um problema, não creio que foi um problema assim não, não foi um problema. Porque íamos a presença do ministro, tínhamos a parte de cooperação interna que passamos a ter e que era quem manejava tudo. O vice-ministro também... Não me recordo...

EM: Quantos tremores você pegou quando viveu no Peru. **(risos)**

RC: Muitos, e muitos, e muitos tremores. Tremores baixos... Mais fortes e muitos fortes. Muitos, muitos.

EM: Houve problema de morte, de pessoas que tinham que agregar atividades de imunização como um desastre dentro dos desastres naturais?

RC: Sim, senhor.

EM: Vocês tiveram que organizar rápido?

RC: Sim. Organizamos rápido e fizemos a vacinação sem nenhum problema.

EM: Você lembra de algum ano que houve mais forte essa atividade e que tiveram que responder com mais intensidade.

RC: Me recordo de um que...

MC: Sim, sim, era ministro o Costa Barros...

RC: Sim. Costa Barros... Isso mesmo, eu me recordo em Lima, em...

MC : 93.

RC: 93. Sim, sim este foi forte. Eu não estou me recordando...

MC: Está é outra diferença...

EM: É uma diferença grande, aqui não tem tremores... **(risos)** O primeiro tremor que passei em minha vida foi lá em Arequipa.

RC: Sim, em Arequipa.

EM: Quando eu estive lá com o Mary Fuentes... Estava falando e as pessoas que estavam... As enfermeiras, e as pessoas que estavam todas... De repente todas saem e vão para baixo de uma, de uma porta. E eu fiquei sem saber: “O que ocorre?” “O que há?” Porque eu pensei que havia passado um caminhão na rua, alguma coisa, e o tremor era o caminhão pesado que havia passado. Mas: “Não, é tremor.” **(risos)** Aí fui junto... Foi muito rápido tudo.

MC: Foi o primeiro?

EM: O outro já foi no México, foi mais terrível, porém esse...

RC: O primeiro tremor que passei em Peru, o primeiro, primeiríssimo, eu estava no hospital, tudo seguro. E aí... Entrei... Passou o tremor. Primeira coisa, foi telefonar para casa. Todos bem. “Nenhum problema, o que passou?” Mamãe, um aviso, que temos que estar embaixo...” Não se preocupe porque já havia dito tudo para minha filha, quando ela... Tinha dito tudo sobre tremores.... Foi o primeiro.... Passei vários.

MC: Podemos encerrar?

DN: Eu acho que podemos encerrar. Bom Rosa, a gente queria agradecer muito a você. A gente estava buscando a sua entrevista já faz tempo, você sabe disso, a gente fez várias tentativas e agora até sem querer, a gente conseguiu. Então, por sorte o Marcos Cueto e Deepak também estão aqui, a gente pôde realizar essa entrevista juntos, porque

nas outras tentativas seríamos nós dois, eu e Eduardo Maranhão, mas a gente conseguiu inclusive fazer essa reunião que foi bom. Eu agradeço a você.

RC: Bom, eu que quero agradecer a vocês, porque realmente reviver tudo isso aí... Eu tinha muito, muito mais coisa para falar, mas é incrível. Realmente, foi muito bom, eu agradeço a vocês e uma pena que eu não pude trazer todo o material que eu tinha e eu tinha... O que escreveu o Carlos Manuel Dias que foi o chefe do programa de imunizações que eu nem pude falar também dele, eu podia fazer de todos os chefes de imunizações que teve nessa época. Eu não pude falar no Carlos Manuel Dias e eu tinha todo o escrito da pólio, “Se poderá erradicar a pólio? Sim ou não” É um artigo que ele escreveu, eu tinha esse artigo.

DN: Você não pode mandar depois? Para a gente colocar no site...

RC: Assim que eu desfizer a minha bagagem, que eu botar a minha casa, tudo, aí eu mando. E tem as fotografias também com os indígenas. Tu não podes imaginar as fotos que eu tenho. Eu tenho da Patrícia no barco assim... Coisas incríveis, todas as fotos que eu tenho, muitas fotos de crianças comparadas, tudo, tudo... Eu tenho, muitas e muitas fotos.

DN: Você viu ontem que o site tem imagens, tem artigos completos, aí isso tudo pode ser incorporado por mais pessoas...

EM: Mas a sua participação não termina aqui, porque nós temos e-mail, temos telefone, na hora que alguma dúvida, algum detalhe que precisa esclarecer vamos.. Agora, responde, querida, que eu mando para você...

RC: Eu respondo.

EM: Você às vezes parece que demora a responder para mim...

RC: Não, mas para ti eu respondi...